

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ

IASMIM TIZZIOTTI PETACCI

**REPRESENTAÇÃO DA MULHER E SEU PAPEL NA SOCIEDADE EM DOIS
PERÍODOS DISTINTOS DA LITERATURA INGLESA, A PARTIR DAS OBRAS
ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN, E *JANE EYRE*, DE
CHARLOTTEBRONTË**

**RIBEIRÃO PRETO – SP
2021**

IASMIM TIZZIOTTI PETACCI

**REPRESENTAÇÃO DA MULHER E SEU PAPEL NA SOCIEDADE EM DOIS
PERÍODOS DISTINTOS DA LITERATURA INGLESA, A PARTIR DAS OBRAS
ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN, E *JANE EYRE*, DE
CHARLOTTE BRONTË**

Trabalho de conclusão de curso de
Letras do Centro Universitário Barão
de Mauá para obtenção do título de
licenciatura para obtenção do título
de bacharel.

Orientadora: Ma. Elaine Christina
Mota.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

P573r

Petacci, Iasmim Tizziotti

Representação da mulher e seu papel na sociedade em dois períodos distintos da literatura inglesa, a partir das obras Orgulho e Preconceito, de Jane Austen, e Jane Eyre, de Charlotte Brontë/ Iasmim Tizziotti Petacci - Ribeirão Preto, 2021.

54p.

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Elaine Christina Mota

1. Papel da mulher na sociedade 2. Orgulho e Preconceito 3. Jane Eyre I. Mota, Elaine Christina II. Título

CDU 821.111-31.09

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

IASMIM TIZZIOTTI PETACCI

**REPRESENTAÇÃO DA MULHER E SEU PAPEL NA SOCIEDADE EM DOIS
PERÍODOS DISTINTOS DA LITERATURA INGLESA, A PARTIR DAS OBRAS
ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN, E JANE EYRE, DE
CHARLOTTE BRONTË**

Trabalho de conclusão de curso de Letras
do Centro Universitário Barão de Mauá
para obtenção do título de licenciado.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Ma. Elaine Christina Mota
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ma. Érika Chiarello de Andrade.
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ma. Marília Ferranti Marques Scorzoni
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ribeirão Preto

2021

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer toda a minha família, que me apoiou tanto durante todos esses anos, especialmente Iolanda que me incentivou a ler. Agradeço também ao Gil Vicente, meu adorado vira-lata caramelo, que ficou por horas a fio ao meu lado enquanto eu escrevia.

Gostaria de agradecer também aos meus amigos por me escutarem falar incansavelmente sobre este trabalho, especialmente ao Rafael e a Letícia, e aos meus professores por me guiarem por todo o meu percurso enquanto aluna e pesquisadora.

Um obrigada especial a minha querida orientadora, por me ajudar a escrever o que eu mais queria quando eu nem ao menos sabia o que queria. Obrigada, Elaine, por me enxergar.

“Não sou pássaro, e não quero que ninguém me
prenda; sou um ser humano livre, e de
arbítrio independente, que agora exerço
para deixá-lo.”
(Charlotte Brontë)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo se utilizar da teoria da literatura comparada para comparar e contrastar a representação da mulher e seu papel na sociedade em dois períodos distintos da literatura inglesa, sendo eles o período romântico e o período vitoriano. Para isso, serão usadas as obras *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, e *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, assim como a apropriação do referencial teórico, que consiste substancialmente em obras e artigos sobre literatura comparada, literatura inglesa e crítica feminista. As obras a serem analisadas possuem protagonistas mulheres que, mesmo inseridas em um contexto machista e patriarcalista, não se deixam ser silenciadas e lutam por liberdade e autonomia. O tema principal de *Orgulho e Preconceito* é o casamento, e Elizabeth, a heroína, é considerada uma mulher com pensamentos evoluídos para sua época por ter o desejo de se casar por amor e não por convenção social. Em *Jane Eyre*, apesar do casamento ser um subtema, o tema que permeia toda a obra é principalmente a busca da protagonista por liberdade. Em ambas as obras, as heroínas possuem uma postura rebelde e contrária ao que a sociedade prega que a mulher deva representar, o que as torna obras importantes quando analisadas através da perspectiva da crítica feminista. Embora que de maneiras diferentes, sendo Elizabeth uma mulher mais ácida e irônica em suas críticas enquanto Jane é mais contida e recatada, as duas colocam em xeque os valores machistas impostos a elas pela sociedade. Com a ajuda das personagens masculinas, que permitem que as heroínas se comportem da maneira como elas se comportam, e com o auxílio de personagens femininas que agem de forma contrária a elas para contrastá-las, Elizabeth e Jane são personagens fortes que tentam a todo momento se fazer ouvir e representaram um papel importante tanto para a sociedade quanto para a literatura.

Palavras-chave: Papel da mulher na sociedade. *Orgulho e Preconceito*. *Jane Eyre*. literatura comparada. Literatura Inglesa.

ABSTRACT

This final paper aims to use the theory of comparative literature to compare and contrast the representation of women and their role in society in two distinct periods of English literature, namely the romantic period and the Victorian period. For this, the works *Pride and Prejudice*, by Jane Austen, and *Jane Eyre*, by Charlotte Brontë, will be used, as well as the appropriation of the theoretical framework, which consists substantially of works and articles on comparative literature, English literature and feminist criticism. The novels to be analyzed have female protagonists who, even inserted in a sexist and patriarchal context, do not allow themselves to be silenced and fight for freedom and autonomy. The main theme of *Pride and Prejudice* is marriage, and Elizabeth, the heroine, is considered a woman with evolved thoughts for her time because she has the desire to marry for love and not social convention. In *Jane Eyre*, despite marriage being a sub-theme, the theme that permeates the entire work is mainly the protagonist's search for freedom. In both novels, the heroines have a rebellious posture and contrary to what society preaches that women should represent, which makes them important works when analyzed from the perspective of feminist criticism. Although in different ways, Elizabeth being a more acidic and ironic woman in her criticisms while Jane is more restrained and demure, both put into question the sexist values imposed on them by society. With the help of male characters, who allow the heroines to behave the way they do, and with the help of female characters who act contrarily to them as to contrast them, Elizabeth and Jane are strong characters who try everything. time to be heard and played an important role for both society and literature.

Keywords: Role of women in society. *Pride and Prejudice*. *Jane Eyre*. comparative literature. English Literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	OS ASPECTOS TEÓRICOS	10
2.1	Período romântico <i>versus</i> período vitoriano	10
2.2	A figura de uma escritora em uma sociedade machista	12
2.3	Um olhar para a literatura comparada	14
2.4	Romance <i>versus</i> romance de formação	17
3	ORGULHO E PRECONCEITO	20
3.1.	Uma jovem aceitável, porém não bonita o suficiente para tentar alguém...	22
3.2.	As damas conformadas	24
3.3.	Uma representação da sociedade	26
3.4.	Um olhar para os homens da obra	28
4	JANE EYRE	32
4.1	Uma mulher pobre, obscura, simplória e pequena	35
4.2.	A mulher louca do sótão	38
4.3.	Hellen Burns, a menina que não se acometia do fogo das paixões	40
4.4.	As mulheres-retrato da classe trabalhadora da era vitoriana	41
4.5.	Os contrastes: a tia mesquinha, a dama fútil e a senhora que se importava mais com as aparências do que com a felicidade	41
4.6.	Os homens da obra	43
5	COMPARANDO AS OBRAS	45
5.1	O tema do casamento como crítica	46
5.2	Assertividade e submissão	47
5.3.	A autoimagem	50
6	CONCLUSÃO	52
	REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Para entendermos a posição da mulher e seu papel na sociedade, devemos considerar que o sufrágio feminino na Inglaterra aconteceu somente no ano de 1918. Assim, a mulher romântica e a mulher vitoriana ainda eram “coisificadas”. Quando nasciam, eram propriedade de seu pai, e mudavam de “dono” apenas quando se casavam e passavam a pertencer aos seus maridos. (BEAUVOIR, 2020, p. 113).

As diferenças entre as personagens femininas das obras *Orgulho e Preconceito* e *Jane Eyre* podem ser também analisadas a partir de suas escritoras, que possuem muitas semelhanças com suas criações e, ao mesmo tempo, muitas diferenças entre si. Enquanto Jane Austen fazia parte da aristocracia rural da Inglaterra e estava inserida em uma classe social elevada o suficiente para não precisar trabalhar e poder se dedicar a encontrar um marido, Charlotte Brontë precisava trabalhar para se sustentar e não podia se dar ao luxo de passar as tardes à espera de um marido.

Vemos essa diferença também entre as protagonistas dos romances, e as disparidades não se limitam apenas à classe social. Enquanto *Orgulho e Preconceito* é um romance de costumes, *Jane Eyre* é um romance de formação. Elizabeth, protagonista de *Orgulho e Preconceito*, aparece na obra com seu caráter já formado e suas opiniões muito bem definidas. Já Jane, de *Jane Eyre*, aparece na obra ainda criança, e o leitor acompanha todo seu desenvolvimento enquanto pessoa e especialmente enquanto mulher.

Em ambas as obras, há uma crítica ao papel da mulher na sociedade, e Austen e Brontë são consideradas escritoras à frente de seu tempo. As personagens que elas desenvolveram sofrem a todo momento tentativas de silenciamento, mas sempre as superam, ainda que de maneira distinta – Elizabeth tende a ser mais assertiva e ácida, e Jane é mais contida em sua resistência à opressão social e à masculina.

O maior ato de rebeldia de Elizabeth e o motivo pelo qual a obra *Orgulho e Preconceito* flerta com o feminismo e é considerada revolucionária é o fato de que a dama só quer se casar por amor. É sabido que, no período romântico, o casamento era visto mais como um acordo social do que como uma união baseada no amor e na confiança. Uma mulher que não se casasse estaria fadada a ser malvista pela sociedade, ao mesmo tempo em que muitas mulheres que eram obrigadas a se casar

viviam infelizes, pois, quase nunca, escolhiam seus maridos e eram apenas leiloadas por seus pais e dadas como responsabilidade de outras pessoas.

A fim de elucidar os pontos de convergência e de divergência entre as obras, focando no papel da mulher na sociedade e em seu silenciamento, este trabalho terá quatro partes. A primeira parte desta pesquisa tem como objetivo esclarecer os conceitos teóricos utilizados no decorrer do trabalho e, também, abrange os períodos literários das obras analisadas, literatura comparada e um pouco da vida das autoras. Os capítulos três e quatro tratam, respectivamente, do resumo e da breve análise das obras *Orgulho e Preconceito* e *Jane Eyre*, ressaltando a crítica que cada obra traz acerca do papel da mulher na sociedade. O último capítulo, por fim, analisa as duas obras juntas, a fim de apontar suas diferenças e similaridades.

É de extrema importância que, ainda nos dias atuais, pensemos sobre o papel da mulher na sociedade. Ainda que a posição da mulher em relação ao homem e a sociedade seja melhor hoje em dia do que foi no período romântico e no vitoriano, encontramos nas heroínas das obras a serem trabalhadas uma resistência que deve ser espelhada até hoje na luta das mulheres por reconhecimento, autonomia e liberdade.

2 OS ASPECTOS TEÓRICOS

Para que possamos analisar as duas obras de forma abrangente, são necessários uma contextualização e um esclarecimento dos conceitos teóricos que serão utilizados no decorrer deste trabalho.

2.1 Período romântico *versus* período vitoriano

Para compreender o período romântico, é necessário voltar para o início do século XIII, mais conhecido como século das luzes. As ideias do Iluminismo despertaram a Revolução Francesa, cujos ideais “liberdade, igualdade e fraternidade” representavam uma esperança para todos os ingleses que sonhavam com uma democracia. (SILVA, 2006, p. 194).

Com o advento das revoluções burguesas, que resultaram na divisão do poder entre rei e parlamento, a elite burguesa se tornou politicamente dominante. A Inglaterra vivia em uma monarquia constitucional, porém o parlamento não trabalhava para o povo. Com a Revolução Industrial e as novas relações de trabalho, o abismo entre a elite e o povo aumentou significativamente. É nesse contexto que nasce o movimento romântico.

O Romantismo na Inglaterra se iniciou com a publicação de *Lyrical Ballads*, por William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge, em 1798, que, rompendo com os padrões neoclássicos, não consideravam a poesia uma imitação da vida humana, mas sim algo vindo de emoções espontâneas. Dessa forma, como aponta Silva (2006, p. 199), “A fonte do poema não estava no mundo exterior, mas nos olhos do poeta”. Essa ideia juntamente com os pensamentos de Rousseau sobre o bom selvagem, ajudou a cunhar um dos principais símbolos do romantismo: a natureza. Sobre a natureza nos ideais românticos, Silva afirma:

Neste símbolo da natureza encontramos a mesma ambivalência que nos da terra e do mar: a vida e a morte são correlatas. A vida brota da natureza e para ela retorna. A mesma natureza que protege dando luz, calor e alimentação também oprime com as trevas, frio e fome. (SILVA, 2006, p. 198).

Isso significa que, para os românticos, a natureza, dependendo da forma como era descrita, poderia ser benigna ou misteriosa. Além da redescoberta das belezas da natureza e do interesse na vida das pessoas do campo, o período romântico também

se caracterizou por uma ênfase na emoção em detrimento da razão. É justamente contrapondo essa característica de seu período que Jane Austen se destaca.

Não se sabia se as obras de Jane Austen eram realistas ou românticas. Por trazer, em seus romances, críticas satíricas a uma certa esfera da sociedade inglesa, Austen utilizava mais a razão do que a emoção, a fim de desenvolver suas histórias. Segundo Silva, “seus seis romances, escritos durante o período romântico, combinam preocupações neoclássicas, românticas e realistas com estratégias ficcionais que juntas apresentam uma formidável unidade e coerência estrutural.” (SILVA, 2006, p. 200). *Orgulho e Preconceito*, como exemplo, representa o ponto alto de seus trabalhos, e, assim como suas outras obras, volta-se para o tema comum dos romances femininos da época: a vida da mulher em sociedade voltada para a preocupação com o matrimônio.

Com a morte do Rei Guilherme IV e, conseqüentemente, com o fim de seu reinado em 1837, a Rainha Vitória, sua sobrinha, assumiu o trono da Inglaterra, dando início ao próximo período literário. Esse período, também nomeado de Naturalismo e Realismo por alguns estudiosos, é mais conhecido como Período Vitoriano.

O período vitoriano foi um período de mudanças. Ao mesmo tempo em que a Inglaterra se consagrou como potência por causa do imperialismo e do colonialismo inglês, a industrialização e modernização das cidades evidenciaram ainda mais as desigualdades sociais presentes no país. Ao lado das mudanças políticas, culturais, industriais e científicas, uma coisa permanecia: a miséria. A Rainha Vitória não deu origem ao nome do período apenas por reinar na época de sua existência, mas também por influenciar diretamente na literatura com seus valores moralistas e puritanos, impondo a pontualidade e os valores morais, assim como a sobriedade e a sofisticação (SILVA, 2006).

Se, no Período Romântico, o símbolo era a natureza, no Período Vitoriano o símbolo era a cidade. Vista como uma constante e como um símbolo de estabilidade, a cidade era o epítome da modernidade. Na literatura vitoriana, a cidade “aparece como cenário principal da trama, representada em algum personagem ou em contraste com a vida rural” (SILVA, 2006, p. 233).

Ainda sobre a descrição da cidade na literatura vitoriana, Silva pontua:

Independente da escolha, a sedentarização e a estabilidade da cidade permitem analogias com algo imutável, passível de decadência devido à sua falta de movimento. Por essa razão, a Londres vitoriana é geralmente descrita

como suja e negra não apenas devido à fuligem das fábricas, mas também à corrupção moral de seus cidadãos [...] (SILVA, 2006, p. 233).

Essa descrição da cidade como algo decadente, escuro e em ruínas, ajudou na revitalização da literatura gótica, que também foi muito marcante no período. A cidade moderna e ao mesmo tempo decadente, onde os cidadãos urbanos são levados de alguma forma à perda da identidade, é uma das características da literatura gótica. Como representantes desta literatura existem muitas obras importantes do período, como, por exemplo, *Dracula* (1897), de Bram Stoker (SILVA, 2006, p. 234).

Silva, apesar de não nomear o período, divide-o em dois momentos: moralista (1830 – 1870) e esteticista (1870 – 1900). O primeiro tinha a função de fornecer um entendimento sobre as mudanças e os valores da sociedade inglesa, e o segundo tinha a função de promover a “arte pela arte” (SILVA, 2006, p. 235).

Foi no período moralista que *Jane Eyre* foi publicado e considerado, segundo Silva, “o primeiro romance da literatura inglesa a explorar os recônditos do subconsciente, as frustrações, desejos e medos que tentamos esconder ou dissimular” (SILVA, 2006, p. 237).

Apesar de ter trazido valores que eram um espelho da sociedade vitoriana, *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, possui traços românticos, como, por exemplo, a descrição minuciosa das emoções de sua heroína e a presença da natureza como extensão de seus sentimentos. Essas diferenças de períodos e de características nas obras fazem parte dos contrastes que serão estudados mais adiante.

2.2 A figura de uma escritora em uma sociedade machista

Considerando que o sufrágio feminino aconteceu, na Inglaterra, somente em 1918, é possível perceber que, na época de Austen e Brontë, as mulheres não possuíam muitos direitos. Se atualmente as mulheres ainda sofrem as consequências de uma sociedade machista e patriarcal, a mulher do período romântico e do período vitoriano ainda era vista como uma “coisa”, sendo reificada em todas as esferas.

Educadas para os afazeres domésticos, as mulheres das classes sociais mais elevadas tinham direito a apenas uma aspiração em suas vidas: ao casamento. Jane Austen, apesar de ter morrido solteira, fazia parte de uma classe social mais elevada. Vinda de uma família abastada e tendo um pai pároco, Jane fazia parte dos *Gentry*, que eram uma pequena aristocracia rural. Isso significava que seu pai possuía posses

o suficiente para que sua filha não se tornasse miserável caso não se casasse, e foi precisamente o que aconteceu. Do que se tem informação, Jane Austen recusou pelo menos dois pedidos de casamentos. Ainda assim, não foi abandonada à própria sorte, como aconteceria com uma mulher solteira de sua época localizada em um extrato social inferior, como é retratado em sua obra *Emma*.

Jane Austen não se casou, portanto não teve filhos e isso, como analisa Virginia Woolf em seu ensaio *Um teto todo seu* (2020), pode ter sido de grande contribuição para sua ascensão como escritora no período romântico. Em sua obra, Woolf afirma: “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (WOOLF, 2020, p. 8).

No caso de Jane Austen, sua família possuía dinheiro, e ela não tinha nenhuma preocupação matrimonial ou doméstica que pudessem ocupar seu tempo. Dessa forma, poderia se ocupar em escrever seus romances. Outros fatores, no entanto, poderiam atrapalhar sua jornada como romancista. O primeiro deles seria o apoio de sua família, que, para ela, não foi um problema. Pelo contrário: seu irmão era quem levava seus manuscritos para as editoras. O segundo fator que poderia influenciar no sucesso de suas obras era sua visibilidade, que ficaria prejudicada por se tratar de uma escritora mulher. Segundo Ivo Barroso (2018), Jane Austen, apesar de ter publicado cinco de seus seis romances em vida (com exceção de *Persuasion*, que foi publicado postumamente), permaneceu anônima e suas obras eram assinadas com “*by a lady*” (por uma senhora).

Charlotte Brontë, mesmo também sendo filha de um pároco, ao contrário de Austen, não estava em uma classe social tão favorecida. Isso ficou evidente pelo fato de, enquanto Jane Austen nunca ter precisado trabalhar, Charlotte Brontë trabalhar como professora por alguns anos e, ainda, como preceptora e governanta. Sendo a terceira de uma família de seis filhos e a mais velha das irmãs mais famosas da literatura inglesa, Charlotte inicialmente foi a mais famosa delas. Como mencionado anteriormente, Charlotte não possuía um *status* tão elevado quanto o de Austen, e, por isso, a escrita para ela significava também uma fonte de renda.

Charlotte, diferentemente de Austen, enfrentou mais dificuldades para publicar suas obras. Isso ocorria devido à sua classe social e, principalmente, porque era uma mulher escritora, vivendo em uma época dominada predominantemente por escritores homens. Juntamente com suas irmãs, Emily (autora de *Wuthering Heights*) e Anne (autora de *Agnes Grey*), Charlotte publicou sua primeira obra com um pseudônimo:

Currer Bell. *Poems by Currer, Ellis and Acton Bell* prova que cada uma das irmãs, respectivamente, adotou os pseudônimos em sua primeira obra, um livro de poemas.

Jane Eyre foi publicado em 1847, ainda sob o pseudônimo de Currer Bell, que apesar de ser um nome ambíguo, era considerado pelo inconsciente coletivo machista da época como o nome de um escritor homem. Como bem aponta Antonia Pellegrino (2018), sua obra teve sucesso quase imediato e foi aclamada pela crítica até a verdadeira identidade de Charlotte ter sido descoberta.

Virginia Woolf (2020, p. 87), ainda comparando Jane Austen e Charlotte Brontë, discorre sobre o lugar da casa em que as duas escritoras se sentavam para escrever. Em um primeiro momento, compara-as com alguns escritores homens e afirma que, ao contrário deles, elas não tinham um cômodo específico para se dedicarem à escrita de seus romances e por isso se sentavam na sala para escrever, lugar este propenso a todos os tipos de interrupções possíveis. Sobre Jane, Woolf (2020, p. 85) pontua: “Jane Austen ficava contente quando uma dobradiça rangia, de modo que pudesse esconder seu manuscrito antes que alguém entrasse.”

Reiterando o que foi dito anteriormente sobre a classe social ter sido um fator determinante entre as duas escritoras, Woolf (2020, p. 85) reflete, referindo-se a Austen: “Seu talento e suas condições de vida ajustavam-se completamente. Mas duvido que o mesmo tenha ocorrido com Charlotte Brontë [...]”. Até mesmo quando Brontë estava escrevendo, muitas vezes foi interrompida, o que causou um tipo de frustração que atingiu sua escrita. Enquanto Austen cobria seus manuscritos com um mata borrão quando alguma visita a interrompia, a continuidade da obra de Brontë era, quando interrompida, de certa forma quebrada. Woolf exemplifica isso por meio das aparições da personagem Grace Poole, no romance de Charlotte, denominando-as de “interrupções inoportunas” (2020, p. 87).

Por meio dessas nuances presentes nas vidas das autoras, é possível uma análise mais completa das obras *Orgulho e Preconceito* e *Jane Eyre*, uma vez que suas protagonistas estão inseridas neste contexto social e carregam muito de cada uma das escritoras em suas personalidades.

2.3 Um olhar para a literatura comparada

Em um primeiro momento, a expressão “literatura comparada” não causa estranhamento na interpretação. Esse termo simples designa uma forma de

investigação literária que analisa e confronta duas ou mais obras literárias. No entanto, os chamados “estudos literários comparados” rotulam investigações diversas que adotam as mais diferentes metodologias, e, por isso, possuem um vasto campo de atuação. (CARVALHAL, 2006, p. 6). Para que este conceito fique claro, é necessário retomar a origem dos estudos da literatura comparada.

O século XIX foi dominado pelas ciências naturais, pela comparação de estruturas e por fenômenos análogos, com o intuito de extrair leis gerais. Muito comum nos títulos de obras científicas, a palavra “comparação” migrou para os estudos literários e é então que toda a jornada de estudos sobre uma literatura comparada se inicia.

Os franceses foram os maiores difusores da expressão, mais especificamente Abel-François Villemain. Em sua obra, Villemain utilizou diversas vezes o termo “comparada” unido a outras palavras como “panoramas comparados”, “estudos comparados” e até “história comparada”. Outro nome importante para a difusão do termo foi J. J. Ampère, pois foi graças a ele que tal expressão ingressou no âmbito da crítica literária. Ainda na França, é válido acrescentar o nome de Philarete Chasles aos principais estudiosos de literatura comparada por abordar o conceito de empréstimo literário. Esses três nomes deixaram uma vasta herança para os estudos de literatura comparada dos dias atuais. (CARVALHAL, 2006, p. 10).

Inicialmente, os estudos comparados se preocupavam em seguir algumas orientações básicas complementares. Uma delas era que as comparações literárias dependiam da existência comprovada de um contato entre autores e obras ou até de autores e países. Depois de identificado tal contato, iniciava-se então os estudos de fontes e influências. Outra orientação vinculava os estudos literários comparados com a perspectiva histórica. Essas duas orientações faziam parte do comparativismo clássico francês, que por muito tempo dominou os estudos literários comparados. (CARVALHAL, 2006, p. 14).

Analisando as definições trazidas por estes estudos e pelos autores, percebe-se que, naquela época, literatura comparada e literatura geral eram termos associados. Quando havia uma diferenciação entre elas, era tênue e, na maioria das vezes, os pesquisadores nem mesmo as separavam. Além disso, a literatura comparada se preocupava mais com a perspectiva histórica da análise do que com uma perspectiva crítica textual.

Esse modo de enxergar a literatura comparada só se altera com René Wellek, em 1958, que afirma que o comparativismo é uma “represa estagnada” em seu artigo “A crise da literatura comparada”. Nesse artigo, Wellek sugere uma mudança de perspectiva nos estudos de literatura comparada. Segundo Carvalhal (2006, p. 38), “Sua proposta conclui pelo abandono dos estudos de fontes e influências em favor de uma análise centrada no texto e não em dados exteriores”. Apesar de não estar completamente correto em tudo que propôs em seu artigo, Wellek influenciou positivamente muitos autores a pensarem sobre a literatura comparada.

Atualmente, a literatura comparada é entendida como um meio e não como um fim. Como define Carvalhal, a literatura comparada:

[...] é a comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana. Assim compreendida, a literatura comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística. (CARVALHAL, 2006, p. 75).

Dessa forma, a literatura comparada se preocupa com o texto e com elementos extratextuais, não deixando de fora o contexto histórico. Busca não só a aproximação das obras, mas também os contrastes entre elas.

Bebendo da fonte da literatura comparada e das vozes de Bahktin, Julia Kristeva chegou a noção de intertextualidade. Levando em conta que, como Carvalhal (2006, p. 51) pontua, um texto é a absorção e transformação de vários outros textos, Kristeva afirmava que todo texto é um intertexto. Intertextualidade, então, é um trabalho de deglutição e assimilação de vários textos, que partem de um determinado texto e se transformam em vários outros com os mais diferentes sentidos. (BORGES, 2017, p. 173).

Borges (2017, p. 173) afirma que “A importância da intertextualidade para a literatura comparada se encontra no fato de o intertexto ser inerente à obra”. A intertextualidade é de extrema importância no que diz respeito à verificação das relações de diálogos entre os textos. Quando se fala de estudos da literatura na contemporaneidade, é imprescindível que se inclua a intertextualidade.

A intertextualidade pode ocorrer de várias maneiras, e suas ocorrências mais explícitas são por meio da epígrafe, da citação, da alusão, da referência, da paródia, da perífrase e do pastiche. Em todas essas situações, há um encontro de discursos

que se utilizam uns dos outros para se completarem, mas que, apesar disso, não perdem sua originalidade. (BORGES, 2006, p. 175)

Assim, o objetivo desse trabalho é analisar, por meio da literatura comparada e das noções de intertextualidade, as obras *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen e *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, aproximando-as de acordo com suas semelhanças e contrastando-as de acordo com suas diferenças, sob o viés do papel da mulher na sociedade do século XIX.

2.4 Romance *versus* romance de formação

O romance, apesar de ser a forma literária mais comum nos dias atuais, é um gênero novo. Deve-se buscar sua origem em formas mais primitivas da narrativa, como por exemplo a epopeia. Segundo Stalloni (2001, p. 91), a palavra “romance” era utilizada desde a Idade Média para designar uma escolha linguística inferior.

Em primeiro lugar, é necessário mencionar que as palavras *romance* e *novel* foram traduzidas para o português como “romance” apesar de terem significados distintos. Enquanto *novel* é uma narrativa mais voltada para a ficção que se aproxima da realidade, *romance* é uma forma narrativa na qual se predomina a imaginação. (STALLONI, 2001, p. 97).

Diferentes de outras formas narrativas, o romance tradicional busca narrar acontecimentos plausíveis, pautados na realidade. Como pontua Stalloni (2001, p. 98), alguns elementos são necessários para a construção de um romance. O primeiro deles é a forma, pois um romance deve ser escrito em prosa. O segundo é a ficção, que esbarra no terceiro: a ilusão da realidade. Assim, um romance, apesar de ser ficcional, alimenta-se do mundo real para criar cenários que são verossímeis dentro de sua própria realidade. O quarto e indispensável elemento se constitui nas personagens, que possuem um papel importante dentro da narrativa.

Quando se fala em personagem de um romance é do senso comum denominá-la “herói”, nesse caso em específico, “heroína”. Toda a narrativa do romance, portanto, se desenvolverá ao redor dessa personagem e das ações que a rodeiam. Assim, o enredo depende das personagens na mesma proporção que as personagens dependem do enredo. Para que mantenham a verossimilhança, em um romance, “A personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo.”

(CANDIDO, 2014, p. 64), e Austen e Brontë fazem isso de maneira significativa e reflexiva.

Dessa forma, Jane Austen e Charlotte Brontë não se inspiraram em qualquer pessoa para criar personagens que se aproximassem da realidade, mas nelas mesmas. Assim como outras escritoras, como Emily Brontë, que enriqueceu seu romance *Wuthering Hights* com a descrição das charneças, terreno onde havia crescido, Jane Austen narra com seu tom irônico sobre a aristocracia rural da sociedade de Londres, classe social a qual pertencia. Ivo Barroso (2018) aponta:

Tendo vivido no ambiente limitado de uma pequena paróquia de que seu pai era *rector* [...], Jane escreve sobre o que vê e conhece: as tentativas de ascensão na escala social, o valor das pessoas determinado pela sua renda anual [...], o grau de ignorância dos falsos nobres, a maldade das pessoas boas e, mais que tudo, a luta das mulheres para se casarem, única porta de saída para a modificação [...] de seu *status* de animal doméstico. (BARROSO, 2018, p.7).

Charlotte não se diferencia muito, uma vez que o subtítulo de *Jane Eyre* em suas primeiras edições era *Uma autobiografia*, sinalizando que muito daquela história havia, provavelmente, ocorrido em sua vida e foi transformado em um romance. Por ser narrado em primeira pessoa, ler *Jane Eyre* é como ter em mãos um diário. Charlotte Brontë, assim como Jane Austen, coloca muito de si em sua protagonista. Se forem analisadas as descrições minuciosas dos arredores de Thornfield Hall, casa em que a personagem Jane passa a maior parte do tempo no livro *Jane Eyre*, seria possível notar as semelhanças do cenário da obra com a região em que Charlotte vivia.

As semelhanças entre Jane Austen e Charlotte Brontë, em um primeiro momento, limitam-se ao fato de terem sido muito boas observadoras para transformarem o que viam ao seu redor em literatura. No entanto, é nas personagens desses dois romances que a primeira diferença se destaca: enquanto Elizabeth, protagonista de *Orgulho e Preconceito*, foi inserida na história em sua fase adulta e com seus valores já formados, *Jane Eyre* narra a construção de sua protagonista desde seus oito anos. Isso ocorre pois, diferentemente de *Orgulho e Preconceito*, que é um romance de costumes e contrasta diferentes ângulos da sociedade e dos problemas sociais através do humor, *Jane Eyre* é um romance de formação. (MOISÉS, 1967, p. 300-301).

O romance de formação é um subgênero do romance e se caracteriza por narrar o crescimento e desenvolvimento de uma personagem, desde sua infância até sua fase adulta. Toda a personalidade de Jane e suas decisões fazem pleno sentido porque o leitor acompanha seu crescimento e seu amadurecimento, desde que era uma criança na casa de sua tia e sofria maus-tratos, passando pelo internato onde era silenciada a todo momento e chegando até sua vida adulta em Thornfield Hall. Ao contrário de Elizabeth, que já é apresentada ao leitor em sua idade adulta para a época, Jane se desenvolve a todo momento, se modifica e aprende com o decorrer da narrativa. Em suma, o romance de formação “trata-se da narrativa da aprendizagem, da transformação de um jovem” (STALLONI, 2001, p. 106).

Enquanto, em *Orgulho e Preconceito*, Elizabeth Bennet resolve seus conflitos com a bagagem que já possui e com todo seu caráter já formado, em *Jane Eyre* o leitor observa como Jane amadurece seus ideais através desses conflitos e de suas experiências vividas. Esse fato acarreta muitas diferenças entre essas personagens, que muitas vezes têm suas atitudes mal interpretadas, como Jane, que por vezes é considerada conformista enquanto Elizabeth é considerada assertiva em suas críticas ácidas.

Analisando tais obras e levando em conta que *Orgulho e Preconceito* é um romance de costumes e *Jane Eyre*, um romance de formação, é possível perceber mais claramente os contrastes entre elas.

3 **ORGULHO E PRECONCEITO**

Para um melhor entendimento da proposta deste trabalho, é necessário adentrar no enredo das obras a serem trabalhadas de maneira a contrastá-las e compará-las.

Orgulho e Preconceito foi publicado pela primeira vez em 1813, e é importante que se ratifique que Jane Austen, sua escritora, foi uma das primeiras escritoras feministas do Ocidente. Esse fato é de suma importância para que se entenda que todas as obras de Austen, incluindo *Orgulho e Preconceito*, tem como protagonistas mulheres. Virginia Woolf, ao comentar sobre a mulher personagem literária sendo escrita majoritariamente por homens neste período, afirma: “Era um fenômeno muito estranho, e aparentemente [...] restrito ao sexo masculino. Mulheres não escrevem livros sobre homens [...]” (WOOLF, 2020, p.36-37).

O romance *Orgulho e Preconceito* narra a história de Elizabeth Bennet, a segunda mais velha de uma família de cinco irmãs. Sua mãe, Sra. Bennet, tinha como propósito de vida casar todas as filhas, e, preferencialmente, de maneira vantajosa a elas. Esse propósito existia, pois, por ter apenas filhas, mas nenhum filho, as propriedades e herança de seu marido, Sr. Bennet, não poderiam ser entregues às meninas, que, após a morte do pai, ficariam desamparadas caso não tivessem um marido.

O romance se passa em uma área rural da classe média inglesa e a primeira frase é um prenúncio do tom irônico e sarcástico que será utilizado por Jane Austen no decorrer do livro: “É verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro em posse de boa fortuna deve estar necessitado de esposa.” (AUSTEN, p. 19). Essa frase, além de inverter os valores estabelecidos pela sociedade da época (pois, nesse período, era a mulher a parte mais interessada no casamento, e não o contrário), também satiriza e enfatiza o tema que permeia toda a obra: o casamento.

A história se inicia quando Sr. Bingley, um cavalheiro de boas posses, chega ao condado. Sra. Bennet, ao saber do bom *status* social e dos bens de Bingley, pretende casar Jane, sua filha mais velha e descrita como a mais bela entre as irmãs e moças do condado, com ele. Bingley trouxe, além de suas duas irmãs e seu cunhado, um amigo muito íntimo para passar os dias com ele em Netherfield Park, Sr. Darcy. Darcy também era um cavalheiro que possuía uma boa fortuna, ainda maior

que a de Bingley, mas diferentemente do amigo, não era muito simpático e é introduzido na história como sendo um homem frio e orgulhoso aos olhos de todos.

Elizabeth, em um primeiro contato com ele, concluiu que os rumores eram verdadeiros: Sr. Darcy não apenas aparentava ser um homem orgulhoso, mas suas ações comprovavam sua reputação. O primeiro encontro deles aconteceu em um salão de baile, e recusando-se a socializar com qualquer pessoa além do círculo de conhecidos que o acompanhavam, Sr. Darcy não convidou moça alguma para dançar embora muitas estivessem sem par. Sr. Bingley se deleitava com Jane, irmã mais velha de Elizabeth, enquanto Darcy julgava Elizabeth aceitável, mas não bonita o suficiente para tentá-lo. Esse choque na primeira interação entre eles foi o que deu o primeiro nome à obra, que teria sido *First Impressions*, mas foi mudado para *Orgulho e Preconceito* na publicação final.

Em um estilo narrativo próprio, Jane Austen narra com riqueza de diálogos e se utiliza de personagens-tipo para criticar diferentes extratos da sociedade agrária do condado de Hampshire, focando seu olhar especialmente para Elizabeth e suas relações com as pessoas. A heroína possuía o que poderia ser considerado uma espécie de capricho para a época: queria casar-se por amor e não por interesse. Outras personagens são apresentadas para facetar as várias posições das mulheres diante do matrimônio e contrastá-las com a protagonista, como por exemplo Lydia, uma das irmãs mais novas de Elizabeth, e Charlotte, sua melhor amiga.

No decorrer da história, vários acontecimentos fazem com que Elizabeth crie receio e aversão ao Sr. Darcy, mais especificamente duas situações. A primeira delas diz respeito a Sr. Wickham, um rapaz que havia chegado à cidade com o regimento de soldados. Wickham havia contado a Elizabeth que era como um filho para o pai de Sr. Darcy, mas que, após a morte dele, o filho lhe negou todos os bens prometidos pelo senhor em seu leito de morte. A segunda e mais enervante situação para Elizabeth aconteceu no momento em que descobriu que Darcy tinha sido o responsável por convencer Sr. Bingley a se mudar de Netherfield Park e, portanto, desfazer quaisquer relações com Jane, sua irmã mais velha e mais querida, estragando as chances de um casamento entre eles embora os dois se gostassem.

Darcy, ao contrário de Elizabeth, com o tempo, ficava cada vez mais atraído por ela. Embora o único traço físico que o livro traga sejam os olhos brilhantes da heroína, Sr. Darcy sentia-se atraído por sua inteligência e por sagacidade acima de

tudo. Sentia-se atraído pois Elizabeth, ao contrário das outras moças, possuía uma personalidade instigante.

Elizabeth, mantendo-se fiel a sua decisão de se casar por amor, recusou dois pedidos de casamento na história. O primeiro deles vem de seu primo, Sr. Collins, um pároco que herdaria toda a propriedade de seu pai, pois era o descendente homem mais próximo. A decisão óbvia a ser tomada, ao menos para a época, seria aceitar o pedido, porém Elizabeth foi fervorosa em sua negação. O segundo pedido de casamento vem de Darcy, que ao pedir a sua mão, declara que o fez contra seu bom senso, afinal, Elizabeth era de uma família com uma classe social mais baixa.

Em um primeiro momento, subentende-se que o “Orgulho” do título se refere a Darcy e o “Preconceito” a Elizabeth, pois o cavalheiro agia com ares superiores em relação às pessoas pertencentes a uma classe social menor que a sua, e Elizabeth formou sua opinião a respeito dele majoritariamente pelo que ouviu de terceiros. Ao longo da história, no entanto, percebe-se que Darcy também é preconceituoso e que Elizabeth também é orgulhosa, uma vez que as ressalvas do rapaz quanto a seu casamento com a dama se dão pela origem simples da família da moça, e o rancor de Elizabeth quanto a ele existe porque seu próprio orgulho havia sido ferido logo em seu primeiro encontro.

Apesar do teor feminista presente na obra e de toda a crítica trazida por Jane Austen por meio da personagem Elizabeth Bennet, a história é finalizada com o matrimônio da protagonista com Darcy, após descobrir a verdade sobre seu caráter e os motivos por trás de suas atitudes. O casamento não poderia deixar de acontecer, pois, naquele período, a história só poderia ser considerada apropriada se tivesse um final feliz e se Elizabeth se casasse. Afinal, uma mulher que não se casava era considerada desventurada e, nesse caso, talvez a obra nem conseguisse ser vendida.

3.1 Uma jovem aceitável, porém não bonita o suficiente para tentar alguém

Para que as personagens femininas sejam apresentadas, é preciso que se entenda que elas apenas se configuram de certa maneira e apenas agem de determinado modo a partir das personagens masculinas, que propiciam uma situação favorável para isso. Virginia Woolf faz a seguinte colocação a respeito da figura da mulher e do homem: “Por todos esses séculos, as mulheres serviram como espelhos possuidores da mágica e do poder delicioso de refletir a figura do homem com o dobro

do seu tamanho natural.” (2020, p. 47). No caso do romance de Jane Austen, o que ocorre é o oposto, pois são as características das personagens masculinas que contrastam e, portanto, enriquecem as características das personagens femininas, mais especificamente da protagonista.

Elizabeth estava decidida a se casar apenas por amor, e nunca por interesse, comportamento que se prova rebelde para época uma vez que o casamento era a única escolha para uma mulher que não queria viver às margens da sociedade. É sabido que, na Inglaterra, até 1870, não só os bens e o dote da mulher se tornavam propriedade do marido depois do casamento, mas também ela. Elizabeth, então, gostaria de se casar com um homem que amasse de verdade e que retribuísse seu amor, e não apenas para saciar as convenções sociais que a rodeavam.

A posição de Elizabeth em relação ao casamento é tida como revolucionária pois, como afirma Simone de Beauvoir em seu livro *O segundo sexo*, “Conquanto não passe de uma instituição laica, o casamento tem grande importância social [...]” (2019, p. 92). Assim, não era meramente contra o matrimônio que a protagonista se opunha, mas contra o casamento enquanto convenção social.

Ainda sobre a mulher e sua falta de escolha no que tange o casamento, Beauvoir faz a seguinte asserção: “Moça, tem o pai todos os poderes sobre ela; com o casamento, ele os transmite em sua totalidade ao esposo. Como é sua propriedade, como o escravo, o animal de carga, a coisa [...]”. (2019, p. 113). Isso significa que, se as razões pelas quais Elizabeth tinha essa postura em relação ao casamento forem analisadas mais profundamente, pode-se concluir que, se fosse para ser considerada como propriedade de seu marido, a moça ao menos queria escolher com cuidado a quem pertencer.

Ao decidir se casar por amor, e não por convenções sociais, Elizabeth demonstra ser uma mulher à frente de seu tempo, assim como Jane Austen foi. Apesar da clara afronta aos valores sociais que regiam o período, Elizabeth tinha muita eloquência e elegância ao tecer comentários ácidos acerca daquilo que discordava. Nunca gritava para ser ouvida, muito pelo contrário: utilizava-se do sarcasmo para demonstrar seu descontentamento com a posição em que a mulher é colocada em relação à sociedade. Isso se prova no trecho onde Sr. Darcy narra uma lista de atributos que uma mulher devia possuir para ser prendada após dizer que só conhece seis mulheres “realmente prendadas” (AUSTEN, 2018, p.54), ao passo que Elizabeth responde: “Já não me surpreende mais que o senhor conheça apenas seis mulheres prendadas.

Agora me pergunto se realmente conhece alguma” (AUSTEN, 2018, p.55). Quando questionada se é mesmo tão severa em relação ao próprio gênero, Elizabeth ainda responde: “Nunca vi uma mulher assim. Nunca vi tanta habilidade, bom gosto, determinação e elegância juntas, como descreveu” (AUSTEN, 2018, p.55).

Essa rebeldia e resistência contra as convenções sociais e, principalmente, com o que casamento representava se prova nos momentos em que Elizabeth recusa não apenas um, mas dois pedidos de noivado. A recusa do pedido de Sr. Collins seria considerada um escândalo para a sociedade da época, e a personagem de Sra. Bennet prova isso ao se escandalizar e acusar sua filha de egoísta. A escolha mais sensata seria aceitar o pedido de Sr. Collins, afinal, ele herdaria por direito tudo o que Elizabeth não poderia herdar: a casa, a terra e o dinheiro de seu pai. Ainda assim, Elizabeth se recusa a casar-se com ele, sendo muito mais favorável a caçoar de sua personalidade internamente.

O segundo pedido de casamento negado é o que provém de Sr. Darcy. Poucas mulheres da Inglaterra do período romântico poderiam se dar ao luxo de rejeitar dois casamentos, e se fossem filtradas as mulheres da classe social de Elizabeth, nenhuma. O comportamento da heroína seria considerado uma loucura, ainda mais se fossem levados em conta o *status* de Sr. Darcy (que Elizabeth herdaria pois subiria sua posição social com o matrimônio) e sua fortuna. É preciso ressaltar também a idade da heroína, que beirava os 21 anos no decorrer da obra, idade já considerada avançada para que uma moça arranjasse um marido naquela época.

3.2 As damas conformadas

Para que as atitudes de Elizabeth transparecessem tanta evolução no sentido da liberdade feminina, foram necessárias outras personagens femininas com opiniões e ações diferentes das dela, com graus de subordinação às normas sociais diferentes. Dois desses casos são o de Jane Bennet, irmã mais velha de Elizabeth e Charlotte Lucas, sua melhor amiga.

Jane Bennet é descrita como uma moça bela, a mais bela entre todas as outras da história. É também muito calma e modesta, e sempre vê primordialmente o lado bom das pessoas e não o ruim. Jane também possui uma idade avançada para o casamento, uma vez que é mais velha que Elizabeth, que possui 21 anos. Possui uma

personalidade dócil e não é dada a indisposições com os outros, ao contrário da irmã, que sempre que possível faz algum comentário ácido.

O interesse romântico de Jane é Sr. Bingley, que, além de ser bonito e muito simpático (e apaixonado por ela), é também muito rico. Jane é tão modesta e passiva diante de tudo, que ao demonstrar muito pouco o quão realmente é apaixonada por Bingley, faz com que Sr. Darcy acredite que ela era indiferente ao seu amigo. Essa postura conformada a tudo e às ações de todos e a falta de uma tomada de atitude, colabora para que Jane assista calada enquanto, sob os conselhos de seu amigo Darcy, Sr. Bingley parta de Netherfield Park.

É possível perceber quão resignada Jane é quando ela “se apaixona” justamente pela pessoa com quem sua mãe pretendia casá-la e como a relação deles não possui nenhuma camada mais profunda a não ser alguns traços: os dois são bonitos, os dois são simpáticos e os dois são facilmente persuadidos.

Charlotte Lucas, apesar de se diferenciar da personalidade dócil de Jane, não se diferencia tanto no que tange à obediência aos valores sociais. Charlotte já é uma mulher de idade avançada para o casamento, mas, diferentemente de Jane, é descrita como sendo uma mulher feia. Desde o início da história, sabe-se que, provavelmente, Charlotte permanecerá solteira, pois a perspectiva de casamento para uma mulher de sua classe social, de sua idade e com a falta do atributo da beleza é muito baixa.

A personalidade de Charlotte, distanciando-se da de Jane, é um pouco mais ácida, porém não como a de Elizabeth, a ponto de fazê-la se rebelar contra a sociedade e os valores da época, mas parecida o suficiente com a da amiga para que elas, juntas, possam zombar dos absurdos que as cercam. Charlotte se torna uma mulher conformada ao aceitar o pedido de casamento de Sr. Collins, primo de Elizabeth, que, ao ter a recusa da mão da prima, pede Srta. Lucas em noivado. Sem nenhum tipo de hesitação, Charlotte aceita seu pedido. Elizabeth a julga por tal decisão, afinal Sr. Collins era um dos alvos da chacota das amigas. Charlotte, no entanto, não dá ouvidos a Elizabeth. Como uma mulher de idade avançada para os padrões da época e possuidora de pouca beleza, ela enxerga no pedido do Sr. Collins a única maneira de poder ser feliz algum dia.

Quando questionada por Elizabeth sobre o porquê de ter aceitado tal homem por marido, Charlotte responde:

Não sou romântica, você bem sabe; nunca fui. Só peço uma casa confortável e, considerando o caráter, as relações e a posição do Sr. Collins, estou convencida de que minha chance de ser feliz com ele é tão boa quanto a da maioria das pessoas ao começar a vida matrimonial. (AUSTEN, 2018, p. 142).

Apesar da personalidade caricata de seu futuro marido, Sr. Collins, Charlotte está visivelmente feliz com a ideia de se casar. Não só se submete às convenções sociais, mas anseia por elas. Para Charlotte, o casamento, mesmo que com uma pessoa claramente escolhida de acordo com a posição, e não com a personalidade, significaria felicidade – como imposto pela sociedade da época.

3.3 Uma representação da sociedade

Como já mencionado anteriormente, para que as atitudes de Elizabeth se sobressaíam às das outras mulheres e mais ainda em relação à sociedade, é necessário que essa mesma sociedade seja incorporada em algumas das personagens. Isso acontece com Sra. Bennet, mãe de Elizabeth, e Lydia Bennet, uma de suas irmãs mais novas.

Sra. Bennet é apresentada no primeiro capítulo da história, no qual tenta convencer seu marido a ir visitar o novo morador de Netherfield Park, para que ele possa retribuir a visita e se apaixonar por uma de suas filhas. Sra. Bennet deixa claro seu objetivo de casá-lo com alguma delas, embora a única coisa que saiba sobre ele seja que tem uma boa fortuna. Esse pensamento, que visava mais às condições sociais de um cavalheiro do que o seu caráter, traduz o pensamento da sociedade.

Suas filhas, que, depois de velhas, já representavam um fardo para ela, precisariam se casar o mais rápido possível, sendo o único pré-requisito na hora da escolha do marido que ele fosse de uma classe social igual ou superior a delas. Sra. Bennet almeja um pouco mais, preferindo que as filhas se casem com cavalheiros de boas posses, não para que elas vivam bem, mas para que ela mesma caia em boas graças da sociedade que a cerca.

Srta. Bennet é descrita no livro como “mulher de inteligência medíocre, poucos conhecimentos e temperamento instável. Quando contrariada, fazia-se de nervosa. O objetivo de sua vida era casar as filhas; animava-se com visitas e novidade.” (AUNSTEN, 2018, p. 21).

Seu comportamento se mostra ainda mais caricato quando, tendo fugido com Sr. Wickham, Lydia ameaça fazer com que toda a família caia em desgraça. Em um

primeiro momento, Sra. Bennet, ao saber da notícia, tem um “ataque de nervos” e fica de cama, lamentando-se pelas atitudes da filha. No entanto, quando descobre que ela se casou, seu comportamento muda completamente, como se a filha tivesse passado por todas as convenções geralmente demandadas para que uma mulher se casasse e não tivesse fugido com um homem de caráter duvidoso, que havia exigido uma quantia pelo dote de Lydia para poder se casar com ela.

O comportamento de Sra. Bennet é uma sátira à sociedade, em todas as suas atitudes exageradas, desde a mania de impor sua filha mais velha, Jane, para Sr. Bingley, até a exigência de que Elizabeth se case com Sr. Collins, mesmo que isso significasse a infelicidade de sua filha. Para Sra. Bennet, a única coisa que importava era o casamento, independentemente de suas circunstâncias.

Lydia Bennet, apesar de também representar a sociedade, apresenta um comportamento mais ingênuo e passivo. Enquanto tudo o que Sra. Bennet faz é premeditado e pensado, Lydia age por impulso. No começo da história, Lydia não desenvolve nenhum papel importante para a trama, uma vez que suas únicas preocupações são dançar com a maior quantidade de homens possível em um baile, comprar fitas para enfeitar seus chapéus e ir à cidade para observar o regimento de soldados.

Seguindo o caminho da mãe, Lydia se deleita com coisas fúteis e, quando o assunto é casamento, não possui escrúpulos. Se a mulher do período romântico deveria ser, como Silva define, a “quintessência da inutilidade” (2006, p. 225), Lydia Bennet desempenha bem tal papel.

Lydia comprova toda sua futilidade ao se animar extraordinariamente para passar alguns dias em Birgthon com uma amiga íntima casada com o coronel do regimento de soldados. Para ela, a perspectiva de estar rodeada de homens é animadora e significa uma oportunidade de arranjar um marido. Nessa ocasião, Elizabeth tenta dissuadir seu pai da decisão de deixá-la partir e define sua irmã como “Inútil, ignorante, vazia e absolutamente descontrolada” (AUSTEN, 2018, p. 242). Sra. Bennet, por outro lado, parece tão entusiasmada quanto a filha mais nova para a sua partida.

Provando também sua personalidade impulsiva, Lydia foge com um dos soldados do regimento, e não com qualquer um deles, mas com o declarado arquirrival do Sr. Darcy, Sr. Wickham. A sua fuga com o rapaz representa uma desgraça não só para ela, mas para toda a sua família e, especialmente, para as suas quatro irmãs

solteiras. Uma mulher que fugia com um homem nunca seria bem vista pela sociedade, pois a perda da virgindade ainda era um tabu, como bem pontua Virginia Woolf: “a castidade pode ser um fetiche inventado por certas sociedades devido a razões desconhecidas – mas por outro lado, inevitáveis. A castidade tinha então, e tem até hoje, importância religiosa na vida da mulher.” (WOOLF, 2020, p. 65).

Assim como sua mãe, Lydia, depois de casada com Wickham, ignora as circunstâncias pelas quais o casamento foi possível e até mesmo tenta fazer inveja nas suas irmãs, que diferente dela, ainda são solteiras.

Pode-se incluir, ainda, como uma representação da sociedade, Caroline Bingley, irmã de Sr. Bingley. Ainda que todas as suas ressalvas contra Elizabeth não sejam referentes ao matrimônio, ela ainda personifica todas as delicadezas que uma mulher deveria portar, segundo os princípios que regiam a época, para contrapor e criticar Elizabeth. Motivada pelo ciúme, fruto da atenção exacerbada que Darcy depositava em Elizabeth, Srta. Bingley aproveita sempre que pode para censurar seus modos, como no trecho:

Quando o jantar chegou ao fim, Elizabeth voltou ao mesmo instante para perto de Jane, e a Srta. Bingley começou a criticá-la tão logo ela saiu da sala. Suas maneiras foram acusadas de ser realmente péssimas, um misto de orgulho e impertinência; ela não tinha assuntos de conversa, nem estilo, nem beleza. (AUSTEN, 2018, p. 50).

Todas as atitudes e falas de Elizabeth que contradizem o que a sociedade pregava na época, acerca de como uma mulher deveria se portar, são devidamente censuradas por Carolina Bingley fora da presença de Elizabeth. Em uma passagem, ela critica Elizabeth por ter caminhado tantos quilômetros de sua própria casa até Netherfield Park, tendo se apresentado diante de todos com as anáguas repletas de lama e com o cabelo despenteado: “Que coisa mais sem sentido ter vindo! Que necessidade tinha ela de sair saltitando pelo campo porque a irmã se resfriou? E o cabelo, tão despenteado, tão mal-arrumado!” (AUSTEN, 2018, p. 51).

Caroline Bingley sempre toma uma postura patriarcal e em consonância com a sociedade, e não com Elizabeth.

3.4 Um olhar para os homens da obra

Como pontuado anteriormente, *Orgulho e Preconceito* é uma obra rica e significativa para a crítica feminista devido à sua protagonista, Elizabeth, que

representa um pensamento avançado quando se trata do papel da mulher na sociedade. Ainda assim, as personagens masculinas são de extrema importância para que a protagonista consiga existir dentro da história. A mulher se caracteriza fundamentalmente por ser o “outro” em uma totalidade na qual os dois termos são necessários (BEAUVOIR, 2019), sendo o outro termo o homem.

O primeiro homem que merece atenção é o pai de Elizabeth, Sr. Bennet. Desde o início da história, ele deixa claro que Elizabeth, por seu intelecto e sagacidade, é sua filha preferida. É um homem que se delicia ao observar as gafes alheias e, assim como a filha, possui um humor irônico. Nem mesmo Sra. Bennet, sua esposa, escapa de seus comentários sarcásticos. Na obra, ele é definido como “uma mistura tão singular de rapidez de raciocínio, humor sarcástico, retraimento e caprichos” (AUSTEN, 2018, p. 21).

Por Elizabeth ser sua filha preferida, ele não censura suas atitudes, por mais que elas não sejam as atitudes de uma mulher inglesa de 1800. Pelo contrário, assim como a filha, Mr. Bennet também se diverte com suas respostas ácidas e rápidas. Ao contrário de sua esposa, Sra. Bennet, ele quer ver a filha feliz, e não apenas bem casada.

Um dos escolhidos para a chacota de Sr. Bennet era Sr. Collins, o parente homem mais próximo que herdaria toda a sua herança. Sr. Collins, é um personagem caricato, que representa os bajuladores. É um pároco alocado nas propriedades de Lady Catherine de Bourgh, sua “benfeitora”. Descrito como um homem desajeitado, Sr. Collins visita a casa de suas primas com a intenção de tomar a mão de uma delas por esposa, para manter entre aquela família os bens de Sr. Bennet. Os motivos de sua procura por uma esposa, no entanto, se provam mais profundos que isso quando faz o pedido para Elizabeth:

Minhas razões para casar são, primeiro, que penso ser a coisa certa, para qualquer clérigo em circunstâncias favoráveis (como é meu caso) dar o exemplo do casamento a seus paroquianos; segundo, porque estou convencido de que isso contribuirá em muito para a minha felicidade; e terceiro, que talvez eu devesse ter mencionado antes, porque tal é o conselho e recomendação da mui nobre dama a quem tenho a honra de chamar de benfeitora. (AUSTEN, 2018, p. 122).

Sr. Collins não só acha que está fazendo um tremendo bem para Elizabeth ao pedir sua mão e permitir que herde indiretamente os bens de seu pai, mas o faz para que possa cair nas boas graças de Lady de Bourgh. Ao fazer o pedido, ele lista

sistematicamente todos os motivos pelos quais o casamento o favoreceria, mas não leva em consideração por um segundo sequer se o casamento favoreceria Elizabeth. A cena é cômica, pois, ao falar tão veemente sobre todas as vantagens de tal união, Sr. Collins está certo de que será aceito apesar de nunca ter tido nenhum sinal positivo vindo de sua prima em relação ao casamento entre eles.

Outro cavalheiro que é preciso ser analisado é Sr. Bingley. O rapaz é uma mistura de entusiasmo e simpatia e, ao contrário do restante de seu grupo (Sr. Darcy, suas duas irmãs e seu cunhado), é o único que parece não perceber as tentativas desesperadas de Sra. Bennet de empurrar sua filha Jane para ele. Diferentemente do amigo, Bingley não se importaria em se casar com uma mulher de uma classe inferior à sua, o que de fato acontece perto do fim da obra, quando ele se casa com Jane Bennet. Ele é descrito como um homem que “era bonito e tinha ares de cavalheiro, seu rosto era agradável e suas maneiras descontraídas e sem afetação” (p.26) e ainda “cheio de vida e extrovertido” (AUSTEN, 2018, p.26).

Essa personalidade destoa e contrasta muito bem com a de seu amigo mais querido, Sr. Darcy. Fitzwilliam Darcy é um cavalheiro cuja fortuna chega a 10.000 libras por ano, e sua disposição à socialização com desconhecidos parece ser inversamente proporcional à sua fortuna. No romance, ele é descrito como elegante e peculiar:

Sr. Darcy, logo chamou a atenção do salão pela figura alta e elegante, belos traços, ar nobre e pelo rumor, que circulou por toda parte cinco minutos após sua entrada, de que sua renda chegava a dez mil por ano. Os cavalheiros afirmaram ser ele um belo espécime de homem, as senhoras declararam que ele era muito mais bonito que o Sr. Bingley, e assim o Sr. Darcy foi observado com muita admiração até a metade da noite, quando suas maneiras provocaram uma decepção que mudou o curso de sua popularidade, pois se descobriu que era orgulhoso, considerava-se superior aos demais e era incapaz de se sentir bem naquele ambiente. (AUSTEN, 2018, p. 26).

Sr. Darcy, por trazer essa elegância e beleza, representa muito bem um cavalheiro na concepção romântica. Seus modos, no entanto, ameaçam estragar sua beleza física, pois não se trata de um herói, mas de um homem comum e taciturno. Seu orgulho, que transborda da obra e atinge até o título do livro, faz com que pareça desagradável aos olhos de todos, inclusive aos de Elizabeth.

Sua postura para com a protagonista é, em um primeiro momento, de desaprovação, pois Elizabeth não o poupa de suas respostas rápidas e ácidas, e Darcy parece se irritar com facilidade em sua presença. No entanto, com o passar do

tempo, essa irritação se transforma em interesse. Assim, apesar de Elizabeth não ter nenhum traço físico atraente além dos olhos, Darcy se apaixona por sua sagacidade e sua inteligência, que, na maior parte da obra, foi dirigida a ele em forma de respostas sarcásticas. É dessa forma que a censura de Darcy quanto aos modos nada convencionais de Elizabeth se torna deslumbramento, e é por esse motivo que as falas e atitudes da moça se destacam mais.

Tendo sido trabalhados alguns pontos principais do romance *Orgulho e Preconceito* assim como as personagens que mais importam para este trabalho, será analisada no próximo capítulo a segunda obra, a fim de comparar os pontos de semelhança e as diferenças entre as duas, enfatizando o papel da mulher na sociedade.

4 **JANE EYRE**

Jane Eyre, de Charlotte Brontë, foi publicado em 1847, sob o pseudônimo de Currer Bell, e a ambiguidade do nome fez com que os leitores da época acreditassem que o escritor da obra se tratava de um homem. É necessário reforçar que Charlotte Brontë viveu no período da Inglaterra Vitoriana, época em que os valores morais puritanos eram fortemente difundidos pela rainha e por seus súditos. Dessa forma, *Jane Eyre* é permeado não só de valores morais fortes, mas também de valores religiosos puritanos.

Jane Eyre é uma autobiografia ficcional que conta a história de Jane, uma órfã que vivia com sua tia e com seus primos, pois seus pais haviam falecido quando ainda era muito jovem. Seu tio, irmão de sua mãe, também havia falecido, e a pequena Jane havia sido deixada sob a tutela de sua tia, sra. Reed, uma mulher cruel que deixava claro, sempre que podia, que Jane era uma criança indesejada em sua casa. Sob os maus-tratos de sua tia e de seu primo John, Jane não se deixava ser silenciada e seu comportamento afrontoso lhe legava a marca de malcriada.

Durante sua estada em Gateshead Hall, a casa da sra. Reed, Jane não recebeu nada além de desprezo e era constantemente admoestada por suas cuidadoras. Seu primo, John Reed, tinha como passatempo preferido irritá-la e chegou até mesmo a agredi-la no começo da história. Depois de revidar a agressão de John - seis anos mais velho que ela - Jane é trancada em um cômodo da enorme casa de sua tia. Neste cômodo, Jane desmaia após ter visto o fantasma de seu tio morto.

Quando ela completa dez anos e sua tia decide que não irá mais aturar suas afrontas, Jane é mandada para Lowood, uma espécie de orfanato que é mantido por doações. É importante mencionar que toda sua educação cristã se consolida no período que Jane passa neste orfanato, uma vez que, quando entrou lá aos dez anos, era uma menina “malcriada” e quando saiu de lá, aos dezoito, já tinha grande parte dos seus valores formados.

Quando se muda para Lowood, Jane carrega consigo a esperança de melhorar de vida, no entanto, seu histórico de menina afrontosa e malcriada a precedem. Apesar do esforço do homem que governa o lugar, sr. Brocklehurst, em transformá-la em uma pária devido ao seu histórico e as mentiras inventadas por sua tia, é no orfanato que Jane conhece sua primeira amiga, Ellen Burns. Diferentemente de Jane, Ellen é uma criança que não desafia a autoridade dos adultos que a rodeiam e não

tenta se impor contra as injustiças. Pelo contrário, Ellen é uma criança dócil que procura manter-se mansa diante das frequentes correções aplicadas pelas professoras do orfanato.

É também em Lowood que Jane recebe, pela primeira vez, carinho e atenção, tanto provindos de Ellen como de uma das professoras, sra. Temple. A mulher privilegia Jane e Ellen e as protege como pode dentro do orfanato, enquanto todas as outras professoras são duras e injustas na maior parte do tempo. Ainda criança, Ellen morre de tuberculose e, com o passar do tempo, sra. Temple, a única pessoa com quem Jane possuía um laço significativo, se casa e se muda de Lowood.

Depois de viver na instituição até completar sua educação e de ter sido professora ali por dois anos, Jane, aos dezoito anos, aspirava à liberdade e a ver o mundo fora das paredes de Lowood. É então que ela coloca um anúncio no jornal e é contratada como preceptora de uma menina em um lugar chamado Thornfield Hall. Lá conhece sr. Rochester, seu patrão, e Adèle, sua pupila e protegida do cavalheiro.

Sr. Rochester é um homem muito rico, desprovido de beleza e cujos modos não são tão delicados quanto se espera de um cavalheiro. Logo em seu primeiro encontro com Jane, ele a culpa por tê-lo feito cair do cavalo. Quanto a Jane, compara a figura de Rochester, cavalcando pela estrada de chão em meio à névoa, a uma figura mitológica equivalente a um demônio no folclore britânico. Apesar de não ser mais a criatura assertiva quanto às injustiças como era quando criança, Jane ainda possui uma inteligência, fugacidade e paixão que cativam sr. Rochester.

Cercada de acontecimentos que resvalam no sobrenatural, Jane se vê adentrando cada vez mais nos mistérios de Thornfield Hall, que assim como seu dono, possui muitos segredos. Um exemplo é a figura de Grace Poole, uma empregada da casa que, supostamente, possui uma risada louca que reverbera pelas paredes de tempos em tempos, além de ter iniciado um incêndio que quase matou sr. Rochester enquanto dormia.

Quando, apaixonado por Jane Eyre, sr. Rochester a pede em casamento, ela aceita sua mão. Pela primeira vez, Jane se sente pertencer a algum lugar e está verdadeiramente feliz. A diferença na posição social dos dois não representou em momento algum um empecilho para a união, nem da parte de Rochester e nem da parte de Jane. O que impediu que o matrimônio acontecesse foi a descoberta do grande segredo que ficava trancado em uma antessala da casa principal de Thornfield Hall: Bertha Mason, a mulher de Rochester, que havia enlouquecido e sido confinada

para não causar mal a si mesma e nem a nenhum dos moradores dali. Quando descobre sobre a esposa louca de Rochester, Jane, enfim, compreende que as risadas e os acidentes que aconteciam em Thornfield Hall não eram culpa de Grace Poole, mas de Bertha.

Rochester, mesmo estando casado com Bertha, está disposto a ter Jane para si. Ama-a tanto que nem sequer pestaneja ao quase se casar com ela e a cometer bigamia. Jane, dividida entre seu desejo de estar com Rochester e a necessidade de seguir as normas estabelecidas pela sociedade e pela igreja, se vê em um grande impasse: se abandonar Rochester, renegará sua felicidade; se viver com ele mesmo não estando casada, maculará sua própria moral e sua religiosidade. É importante ressaltar que, enquanto Rochester sairia impune aos olhos da sociedade por se relacionar com Jane mesmo não a tendo por esposa, Jane seria vista como uma mulher imoral e sua reputação estaria arruinada.

Sobre essa disparidade nas exigências de castidade e fidelidade entre os gêneros, Simone de Beauvoir reitera:

é natural que o homem possa ter tantas mulheres quantas lhe apraza; somente razões de ordem econômica limitam a poligamia; o marido pode repudiar suas mulheres segundo seus caprichos, a sociedade não lhes outorga quase nenhuma garantia. Em compensação, a mulher é adstrita a uma castidade rigorosa. Apesar dos tabus, as sociedades de direito materno autorizam uma grande licença de costumes; a castidade pré-nupcial é raramente exigida; e o adultério é encarado sem muita severidade. Quando, ao contrário, a mulher se torna a propriedade do homem, ele a quer virgem e dela exige, sob a ameaça dos mais graves castigos, uma fidelidade total. (BEUVIEUR, 2019, p.102-103).

Decidida a não se deixar corromper pela degradação moral e conviver com um homem sem estar casada, Jane foge de Thornfield Hall com nada mais que a roupa do corpo e alguns xelins. Sem saber ao certo para onde ir, ela apenas foge para o mais distante possível de Rochester e chega a dormir ao relento e a mendigar nas ruas até ser encontrada por um pároco e suas duas irmãs.

St. John, o pároco, Mary e Diana, suas irmãs, acolhem Jane, que devido à situação em que se encontrava e a uma forte chuva, havia ficado doente. Ela fica sob o teto deles até conseguir se tornar professora em uma pequena escola da cidade, serviço esse que lhe garante seu sustento e uma pequena casa. Em sua estada naquele pequeno povoado, Jane descobre que um tio distante seu havia morrido e

deixado sua fortuna para ela e que St. John, Mary e Diana eram na verdade seus primos.

Neste momento da obra, Jane é pedida em casamento por seu primo, que quer que ela se torne uma missionária e o acompanhe para a Índia. Percebendo que seu primo não tem nenhuma afeição amorosa por ela e que seria imensamente infeliz se se casasse com ele, Jane nega o pedido de casamento. É logo após essa passagem que a personagem pensa ter ouvido o chamado de seu amado Rochester, carregado pelo vento em sua direção.

Ao voltar para Thornfield Hall, Jane a encontra destruída. Em sua ausência, Bertha Mason havia finalmente conseguido atear fogo na residência, o que culminou em sua própria morte. Durante o incêndio, enquanto tentava ajudar todos os empregados a saírem ilesos, sr. Rochester havia ficado cego e perdera uma de suas mãos. Ao reencontrá-lo sem o empecilho de sua esposa louca, Jane pode finalmente se casar com o homem que ama.

Uma das frases mais conhecidas do livro é a que inicia o último capítulo, que é “Leitor, casei-me com ele.” (BRONTË, 2020, p.520). Dessa forma, Jane só se casa com Rochester quando está em uma posição de superioridade a ele. Ela possuía uma fortuna herdada de seu tio, o que os iguala em classe social e, por conta do incêndio, possuía uma maior aptidão física que ele.

Devido à forte religiosidade presente na obra, muitas pessoas tendem a ignorar seu valor feminista, alegando que a personagem Jane Eyre era conformada e passiva diante dos acontecimentos. Tal afirmação é precipitada, pois, como afirma Fabianne Rodrigues Costa, em seu artigo a respeito da identidade e representação da mulher na obra *Jane Eyre*:

Jane simboliza uma quebra no padrão de comportamento esperado da mulher neste período, buscando por autonomia, independência financeira, liberdade, equidade dos gêneros, direito a construção de sua identidade com integridade e respeito e o fim da opressão do sistema patriarcal autoritário. (COSTA, 2015, p.2).

Para o melhor entendimento de todas as nuances da obra, serão analisadas a seguir suas personagens.

4.1 Uma mulher pobre, obscura, simplória e pequena

Jane Eyre, por ser um romance de formação, conta a história de Jane desde que era apenas uma criança. Dessa forma, o leitor acompanha a protagonista em seus piores e melhores momentos, desde parte de sua educação enquanto criança até atingir o amadurecimento na fase adulta. É possível entender melhor as atitudes e decisões de Jane no decorrer da obra, assim como as razões pelas quais ela deixou de ser assertiva em sua busca por liberdade e direitos, adotando uma postura mais controlada externamente embora ainda possuísse dentro de si muito furor e paixão.

Se analisada primariamente por olhos leigos, a personalidade de Jane pode deixar subentendido que ela é uma mulher que se conforma com as regras que lhe são impostas pela sociedade, mas essa não é a verdade. Embora não trace comentários inteligentes e sarcásticos como Elizabeth, Jane busca por algo muito mais ambicioso que um casamento por amor: ela busca por liberdade e autonomia.

Segundo Lúcia Osana Zolin,

[...] a mulher que tentasse usar seu intelecto, ao invés de explorar sua delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, inocência e ausência de ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa. Eram esses os valores apregoados pela rainha Vitória (ZOLIN, 2003, p. 164).

Dessa forma, podemos enxergar claramente como Jane enfrentava as expectativas que a sociedade depositava sobre ela por ser uma mulher, uma vez que desde criança se interessava por literatura e ansiava pela informação presente nos livros da biblioteca de sua tia. Quando alcançou a vida adulta, cansada de estar confinada às paredes de Lowood, ansiou ainda pela liberdade e ao se desprender de Rochester para não cair na tentação da carne, buscou por sua própria autonomia.

Essa luta por independência e por um lugar para repousar a cabeça se tratava mais de uma luta pela sobrevivência do que tudo. Como bem aponta Zolin, grande parte das mulheres localizadas na mesma classe social de Jane, no contexto da Inglaterra vitoriana, não podiam se dar ao luxo de serem mulheres delicadas que se dedicavam ao lar.

A maioria delas, além de não ter interesse em se submeter a esse tendencioso modelo de organização social, não tinham condições para tal. Pesquisas mostram que em meados do século XIX grande parte das mulheres inglesas trabalhava fora como domésticas, costureiras, operárias em fábricas ou em fazendas. De modo que o tédio que supostamente marcaria a existência da mulher idealizada pela ideologia vitoriana não

consistia, absolutamente, no seu principal problema; era prerrogativa de uma minoria. (ZOLIN, 2003, p.164).

Jane, então, precisa se tornar uma mulher forte e não simplesmente por preferência, mas por necessidade. Sendo uma órfã desde criança e não possuindo família que a apoiasse, Jane nunca teve nada garantido, mas tudo por conquistar. O pão que comia pela manhã era o pão que fazia por merecer através da sua força de trabalho todos os dias, e isso culminou em sua personalidade independente e seu espírito livre. Nunca havia sido presa a ninguém pois nunca havia dependido de ninguém, e quando atingiu a vida adulta, sua sobrevivência era mérito seu e somente seu. Esse é um dos motivos pelos quais, quando está convencida de que sr.Rochester vai se casar com outra mulher, Jane decide se mudar de Thornfield Hall e, quando ele tenta impedi-la, – e essa é uma das passagens mais famosas do livro – ela diz “Não sou um pássaro, e rede alguma me prende; sou um ser humano livre, e de arbítrio independente, que agora exerço para deixa-lo.” (BRONTË, 2020, p.298).

Outra passagem muito famosa do livro é exatamente aquela em que Jane coloca em xeque sua posição na sociedade comparada a de um homem:

Das mulheres se espera que sejam muito calmas, de modo geral. Mas as mulheres sentem como os homens. Necessitam exercício para suas faculdades e espaço para os seus esforços, assim como seus irmãos; sofrem com uma restrição rígida demais, com uma estagnação absoluta demais, exatamente como sofreriam os homens. E é uma estreiteza de visão por parte de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas deveriam se confinara preparar pudim e tricotar meias, a tocar piano e a bordar bolsas. É insensato condená-las ou rir delas se buscam fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou necessário ao seu sexo. (BRONTË, 2020, p.137).

Ainda que fosse uma mulher que desafiasse a posição legada a si na sociedade, Jane possuía valores fortes que eram muito mais difíceis de serem desafiados, como por exemplo a religião. O período vitoriano é conhecido por ser um período onde o puritanismo e a instituição da Igreja como um todo possuíam muita influência na vida das pessoas. É por causa da religião que Jane decide fugir de Thornfield Hall embora amasse Rochester com todo seu ser.

A questão moral também é muito presente em sua personalidade, e podemos enxergar o quanto ela mesma se cobra em várias passagens. A primeira delas é quando sua tia adoece e mesmo ainda guardando rancor por todos os maus-tratos que sofreu, Jane faz a vontade da velha moribunda e a visita. Em outro momento,

quando descobre que herdou uma fortuna, divide pela metade com seus primos, como forma de gratidão por a terem tirado da rua e cuidado dela quando precisou.

A história de Jane é repleta de autossacrifícios, o que de maneira alguma exclui toda sua força. Tudo o que sacrificou, desde sua felicidade até sua segurança, foi necessário para que protegesse seu verdadeiro eu. O caminho tortuoso que caminhou e todos os percalços culminaram no desabrochar de Jane Eyre, não apenas uma mulher “pobre, obscura, simplória e pequena” (BRONTË, 2020, p.297), mas uma mulher cuja força vinha da paixão que ardia em seu peito, uma mulher que respondia as injustiças de forma comedida, adotando um exterior calmo enquanto queimava por dentro.

Toda essa emoção transborda de Jane e atinge até mesmo o cenário, transformando o espaço em uma extensão da personagem. Isso se comprova quando, espelhando a confusão de sentimentos de Jane em algumas passagens, há a presença de vento forte e chuva, e quando ela está em um momento feliz, a natureza parece se tornar um local tranquilo de contemplação. A natureza também dá sinais de aviso a Jane, como quando, depois de ser pedida em casamento debaixo de uma das árvores da propriedade de Thornfield Hall, um raio cai por sobre a árvore e a separa em duas – o que, se analisarmos a simbologia de tal acontecimento, remete a uma possível separação entre Jane e Rochester.

Jane, então, representa a heroína comum: não possui atributos físicos que a destaquem e também não possui nenhum talento extraordinário, apenas uma paixão ardente no peito que a faz lutar por sua independência e liberdade. Apesar de todos os sacrifícios, Jane não se deixa ser silenciada e é aí onde sua maior força se encontra.

4.2 A mulher louca do sótão

Bertha Mason é a mulher de Rochester, que permanece presa em um sótão, sendo diariamente vigiada por Grace Poole, uma das empregadas da casa. No início do romance, Jane imagina que as risadas loucas que ouve às vezes em Thornfield Hall são culpa de Grace Poole, assim como os acidentes terríveis que acontecem na casa – o incêndio no quarto de Rochester e o ataque a um de seus amigos, que havia sido esfaqueado no meio da noite. No entanto, com o desenvolver da narrativa, a

verdadeira culpada por tais atrocidades aparece, e sua figura desmazelada e selvagem chega a assustar Jane.

As personagens de *Jane Eyre* estão divididas em três grupos duais, cuja linha de separação é muito tênue: Jane, entre seus desejos e a sociedade, Rochester entre a felicidade e o sofrimento, e Bertha Mason, que é dividida entre mulher e animal. Na obra, ela é descrita como:

Nas sombras profundas, na outra extremidade do quarto, um vulto corria de um lado a outro. O que era, se animal ou humano, não era possível, à primeira vista, dizer: a criatura se arrastava, aparentemente, de quatro, mostrava os dentes e rosnava como algum estranho animal selvagem. Mas usava roupas, e uma cabeleira escura e grisalha, desgrenhada como uma juba, ocultava sua cabeça e seu rosto. (BRONTË, 2020, p.343).

Bertha Mason havia sido prometida a Rochester em casamento quando ambos eram muito jovens, e só sabemos de sua história pela perspectiva do cavalheiro. Ora, nunca saberemos realmente se ela havia ficado louca ou se alguém a havia enlouquecido. É muito comum na literatura que um personagem seja silenciado quando sua história é contada inteiramente pela voz de outra personagem, como acontece com Bertha e Rochester. O homem jura que, quando se casaram, ela era uma mulher perfeitamente normal, mas que havia enlouquecido, assim como sua mãe, dando a entender que a loucura de Bertha era genética. Para que ela não machucasse a si mesma e nem a nenhuma das outras pessoas de Thornfield Hall, Rochester a prendeu em um sótão, e ela havia passado anos a fio escondida e monitorada por Grace Poole, sua cuidadora.

Existem muitas pesquisas e teorias que defendem que Bertha Mason é uma espécie de duplo de *Jane Eyre*, e que suas ações desvairadas representam a própria raiva contida da protagonista. Isso se exemplifica em passagens nas quais, quando Jane é exposta a alguma situação enervante, quem faz algo para revidar é Bertha. Um exemplo é quando sr. Rochester confessa suas aventuras sexuais a Jane e, durante aquela noite, Bertha Mason escapa de sua cuidadora e atea fogo à cama do homem.

Essas teorias, no entanto, estão no campo da psicanálise e não nos interessam no momento. O que nos interessa é contrastar Bertha Mason e Jane Eyre, que foi exatamente o que Rochester fez e o motivo pelo qual estava decidido a cometer o crime de bigamia. Enquanto Jane era o mais próximo possível do “anjo do lar”,

pregado pela sociedade vitoriana, sendo comedida, recatada e silenciosa, Bertha era uma mulher com uma aura sexual forte, selvagem e louca. Rochester, como homem representante da sociedade vitoriana da época, mantém sua reputação e escolhe esconder aquela que não é modelo social e mostrar a que é.

4.3 Hellen Burns, a menina que não se acometia do fogo das paixões

Logo nas primeiras partes da obra, somos apresentados a Hellen Burns, a primeira amiga de Jane no orfanato de Lowood. Existe, ainda na personalidade da Jane criança, um grande contraste entre ela e Hellen. Isso ocorre porque a base religiosa de Hellen é muito bem formada, e ela encontra na religião um certo tipo de consolo. Por ser uma menina muito distraída, era constantemente corrigida pelas professoras do orfanato e recebia todos os tipos de castigo, que muitas vezes vinham em forma de açoite com um látego. Assim, enquanto Jane escolhia se impor contra as injustiças, Hellen apenas as aceitava de forma passiva.

Sua personalidade era dócil e calma, e Hellen procurava ver o lado bom das coisas. Se uma professora era muito dura consigo, não era por ser uma mulher cruel, mas por ser “severa” (BRONTË, 2020, p.75). Quando Jane disse que revidaria as investidas das professoras com o látego, Hellen apenas respondeu que “a Bíblia nos diz para pagar o mal com o bem.” (BRONTË, 2020, p.75). Essa filosofia de dar a outra face, pregada pelo cristianismo, se exemplifica perfeitamente no comportamento passivo de Hellen diante de tudo o que acontece em Lowood.

Hellen contraiu tuberculose, e mesmo diante da morte, sua personalidade não se alterou. Ela não temia a morte, pelo contrário, ansiava se juntar ao seu Criador. Quando tenta explicar para Jane - que havia se esgueirado pela noite para encontrar-se com Hellen que estava em outro quarto por estar doente – que está prestes a partir para a “última morada” (BRONTË, 2020, p.104), Hellen demonstra tranquilidade e felicidade.

Enquanto Hellen era mansa, calma e adepta do preceito bíblico de dar a outra face, Jane nunca se conformava com as injustiças que aconteciam e sempre seria impelida pela própria personalidade a se impor para defender o que acreditava. O maior contraste entre essas personagens demonstra que a Igreja e o silenciamento estão interligados, e que Jane, apesar de ter sido criada em lares cristãos, não concorda com ele.

4.4 As mulheres-retrato da classe trabalhadora da era vitoriana

Uma das várias reviravoltas que acontece em *Jane Eyre* é a descoberta de que St. John, Diana e Mary, as pessoas bondosas que acolheram Jane quando ela estava mendigando nas ruas, eram na verdade seus primos distantes. De todas as personagens, talvez, Diana e Mary são as que mais se aproximam da personalidade de Jane, mas não pelos pensamentos avançados em relação às normas da sociedade da época. Mary e Diana são, afinal, irmãs de um pároco, e a religiosidade está ainda mais presente nelas. A semelhança das irmãs com a protagonista se dá a partir do momento em que Diana e Mary precisam trabalhar e não podem apenas ficar em casa, esperando pelo marido ideal.

Elas possuem um ávido desejo de conhecimento, o que se prova nas passagens em que elas estudam alemão, e um apreço grande pela leitura. Passam uma temporada ao ano em casa junto de seu irmão, mas possuem trabalhos como governantas em dois lugares distintos e um pouco distantes de sua aldeia. Suas personalidades não são aprofundadas na obra, apenas é sabido que elas são bondosas, como o irmão, e que gostam de Jane como a uma irmã. Diana e Mary são o modelo ideal da mulher vitoriana, delicadas, calmas e comedidas.

4.5 Os contrastes: a tia mesquinha, a dama fútil e a senhora que se importava mais com as aparências do que com a felicidade

Existem personagens que, no decorrer da obra, contrastam e acentuam algumas características importantes de Jane Eyre. Três delas, que serão tratadas agora, são sua tia Reed, Blanche Ingram e sra. Fairfax.

Sra. Reed, casada com o falecido tio de Jane Eyre, é uma mulher cruel e mentirosa. Estava convencida de que o marido amava mais a Jane do que a seus três filhos, e essa era a origem de todo o seu desprezo pela sobrinha. Durante a primeira parte da história, fez o que estava ao seu alcance para que a vida da pequena Jane fosse um inferno. Sra. Reed era tão perversa que, ao receber uma carta de um tio de Jane disposto a adotá-la, escondeu-a a sete chaves e só revelou a ela quando estava em seu leito de morte.

Sua moral degradada contrasta com a de Jane, que apesar de ter sofrido nas mãos da tia em sua infância, ainda concorda em visita-la quando adoece e permanece com ela até que faleça. Mesmo depois de ter sido privada de encontrar a única família

que possuía por sra. Reed, Jane ainda encontra forças para perdoá-la, ao contrário de sua tia, que mesmo a beira da morte, ainda possuía antipatia pela sobrinha.

Em seguida, representando dessa vez um contraste não com a moral, mas com a aceitação das convenções sociais que as cercavam, existe a personagem Blanche Ingram. Esta, por sua vez, “é um belo e interesseiro fantoche” (REHM, 2015, p. 64). Srta. Ingram já passou da idade de se casar, e diferentemente de Jane, sua classe social não permite que trabalhe por seu sustento. Desta forma, seu objetivo de vida é encontrar um marido para que a sustente.

Blanche Ingram estava interessada em se casar com Rochester, e sua beleza trabalhava ao seu favor. Sua personalidade, no entanto, era tão superficial quanto aparentava. Uma mulher fútil, desagradável e que não cultivava nenhum tipo de interesse particularmente interessante. Em uma das passagens do livro, Jane a observa sentada em uma cadeira enquanto lê um livro e relata: “A srta. Ingram pegou um livro, recostou-se na poltrona e encerrou assim qualquer conversa. Observei-a por quase meia hora: durante esse tempo ela não chegou a virar uma única página.” (BRONTË, 2020, p.230). Sua ignorância e atitude passiva diante do que a sociedade exigia de uma mulher a tornam o perfeito oposto de Jane.

Há ainda, como uma representação da sociedade, sra. Fairfax, a governanta de Thornfield Hall. Seu contraste com Jane ocorre por conta de seus receios em relação à união da moça com seu patrão, e por tais receios serem movidos por uma necessidade de fazer o correto para os olhos da sociedade. Quando Rochester anuncia que vai se casar com Jane, sra. Fairfax não consegue ficar feliz, e coloca a Jane os empecilhos da posição social entre eles, além da idade e da relação entre patrão e empregada.

Não entendo! – ela prosseguiu. – Mas sem dúvida é verdade, se você afirma. Qual será o resultado, não sei dizer: realmente não sei. A igualdade de posição e de fortuna é normalmente aconselhável em casos como esse. E são vinte anos de diferença de idade entre os dois. Ele quase poderia ser seu pai. (BRONTË, 2020, p.310).

Se Jane é uma mulher de emoções afloradas, pode-se afirmar que sra. Fairfax, pelo contrário, é uma mulher mais adepta à razão, pois, em vez de ficar contente que seu patrão iria finalmente ser um homem feliz com alguém de índole bondosa como Jane, ainda se preocupava com o fato de como o casamento pareceria para os olhos dos amigos e, conseqüentemente, da sociedade.

4.6 Os homens da obra

Como acontece com Elizabeth em *Orgulho e Preconceito*, o modo de agir de Jane em *Jane Eyre* só é possível pois os homens da obra permitem que ela aja daquele jeito. O teor feminista da obra e sua importância é acentuada pelas personagens masculinas, que são de extrema importância para que Jane consiga existir dentro da história.

Sr. Rochester não é o herói comum cavalheiresco que estamos acostumados a observar em obras vitorianas, muito pelo contrário, em seu primeiro encontro com Jane, ela o descreve como um *Gytrash*, uma criatura mitológica do folclore inglês.

O nome Gytrash se aplica a uma criatura espectral de mau agouro, que popularmente assume diferentes formas – cavalos, mulas ou cachorrospretos –, cujos olhos brilham como brasa. Acredita-se que o Gytrash vive nas estradas e faz com que os viajantes se percam. (GAMBAROTO, 2020, p.139).

Edward Fairfax Rochester tampouco é um homem belo e simpático, sendo, pelo contrário, descrito na obra como um homem feio e de temperamento ruim. Muitos o descrevem como um herói byroniano:

Na verdade, o Sr. Rochester é o herói de *Jane Eyre* e tem sido muitas vezes chamado de herói byroniano: um indivíduo isolado que ataca as convenções sociais e desafia as autoridades da época e que busca, sem nunca encontrar, paz e felicidade. É importante mencionar o herói byroniano, inspirado pelo poeta romântico inglês George Gordon Byron (1788-1824), mais conhecido como Lord Byron. Coube a esse poeta sugerir um modelo de representação do masculino na literatura que difere do homem cortês. (COSTA, 2015, p. 130).

Por ser um homem que coloca em xeque a sociedade puritana inglesa do período vitoriano, as atitudes de Jane Eyre não escandalizam, mas encantam. Ele se sente cativado pelas respostas inteligentes da preceptora e sempre que possível pede para que ela fale para que possa lhe ouvir. Em suas várias tentativas de ter Jane para si e de alguma forma “domá-la”, falha, mas não se frustra, apenas se apaixona mais profundamente. Edward Rochester não era o homem que julgaria Jane por seus erros morais e religiosos, era o homem que a ajudaria a cometê-los.

Por outro lado, temos uma personagem que é seu completo oposto. Bonito, angelical, educado e simpático – apesar de rígido -, temos St. John, o primo de Jane. St. John é um pároco e representa a fé fervorosa. Enquanto Rochester não se importa com as regras da sociedade puritana da era vitoriana, St. John é um assíduo

disseminador do puritanismo. Apesar de possuir o atributo da beleza que falta em Rochester, St. John possui uma frieza de sentimentos que o transforma em um homem quase incapaz de amar aos olhos de Jane.

Por ter uma moral religiosa muito forte, St. John se recusa a casar com uma das moças de seu vilarejo, pois não acha que ela possui todos os atributos para se tornar a mulher de um pároco e, portanto, ser um exemplo para os seus fiéis. Diferentemente de Rochester, quando tenta convencer Jane a se tornar sua esposa por achá-la adequada ao papel de mulher de missionário, fica escandalizado com as respostas negativas da mulher. Se os pensamentos avançados de Jane em relação a sua posição como mulher na sociedade impressionavam Rochester de uma forma boa, tais pensamentos assustavam St. John e o fizeram perder um pouco do encanto que possuía pela prima.

Nas personagens masculinas, temos os extremos: o puritanismo de St. John contra a rebeldia de Rochester. Jane, então, não leva em conta nada além de suas emoções, uma vez que, quando chega o momento da escolha, escolhe o mais feio entre os cavalheiros e aquele cuja moral não é tão bem lapidada de acordo com os valores da sociedade da época. Sua escolha, mais uma vez, reitera sua natureza desafiadora.

Tendo sido analisadas ambas as obras e suas personagens, agora é o momento de diferenciá-las e contrastá-las.

5 COMPARANDO AS OBRAS

Tendo sido analisados alguns pontos importantes de ambas as obras, assim como seu contexto, período e até mesmo a vida de suas autoras, podemos começar a analisar como todos os elementos se combinam. Dessa forma, agora é o momento de aproximar e contrastar *Orgulho e Preconceito* e *Jane Eyre*, levando em consideração a crítica feminista e alguns temas recorrentes que percorrem as obras.

O primeiro elemento a ser analisado é a atitude das protagonistas, que somente existem em uma sociedade machista e patriarcal e só conseguem externalizar seu discurso por conta das outras personagens, e mais especificamente das personagens masculinas. Jane, por exemplo, sempre é incentivada a falar por Rochester, ao passo em que Elizabeth, sempre que fala, arrecada olhares de esguelho e, às vezes, críticas sem seu conhecimento, ao sair do ambiente depois de ter se pronunciado. Isso acontece, pois Elizabeth critica e se impõe de maneira mais assertiva e até mesmo ácida, enquanto Jane nunca deixa de lado sua herança de mulher vitoriana, permanecendo recatada e contida mesmo quando se opõe veemente a algo.

Como mencionado anteriormente, toda a força das protagonistas das duas obras, tanto de Jane quanto de Elizabeth, é destacada porque as outras personagens são construídas de forma a ressaltá-las. Jane, por exemplo, só fala e se expressa porque Rochester permite. Com Elizabeth acontece o mesmo, porém inicialmente não é Darcy quem permite que se expresse, mas seu pai, sr. Bennet. No início da obra, não existem personagens fora do convívio de sua casa que permitam que ela teça seus comentários e por isso ela sempre é malvista nas rodas de conversa por tentar se fazer ouvir. Isso se evidencia durante um dos embates verbais entre Elizabeth e Darcy, quando, após ouvir mais um comentário ácido da filha, sra. Bennet diz: “–Lizzy! – exclamou a mãe. – Lembre-se de onde está e não comece com esse comportamento selvagem que você se permite ter em casa.” (AUSTEN, 2020, p. 58). Isso comprova que o comportamento de Elizabeth, em sua casa, era tido como normal, o que não acontecia quando esta estava entre o resto da sociedade. Fica claro, desde o início do livro, que Elizabeth é a filha preferida de sr. Bennet, que a acha a mais inteligente entre suas filhas e a apoia em suas opiniões, e, por isso, permite que ela haja do jeito que ela age.

No decorrer das obras, as duas protagonistas se deparam com momentos em que alguma personagem ou até mesmo a sociedade tentam silenciá-las e censurá-

las, mas as duas conseguem superar essas tentativas. Quando uma mulher tenta dissuadi-las de algo, no caso de Elizabeth, quando Catherine de Bourg tenta convencê-la a não se casar com seu sobrinho por causa da diferença entre suas classes sociais, e no caso de Jane quando sra. Fairfax não vê com bons olhos o fato de que ela irá se casar com Rochester, que é um homem bem mais velho e seu patrão, as duas conseguem manter-se firmes em sua decisão apesar das opiniões contrárias de pessoas do mesmo sexo que elas. Quando um homem tenta convencê-las a se casar, Elizabeth por seu primo, sr. Collins, e Jane também por seu primo, sr. Saint John, elas permanecem fiéis às suas vontades e convicções e recusam aos pedidos.

5.1 O tema do casamento como crítica

O ato de negar os pedidos de casamento, especificamente, possui um significado muito profundo se analisarmos o contexto da época. O casamento não era apenas uma entrada para a sociedade, mas sim a única entrada para a sociedade para uma mulher. Viúvas e mulheres solteiras não eram bem vistas pelas pessoas, e um dos motivos, dentre tantos, era pelo fato de serem consideradas mulheres desamparadas por não possuírem um marido. Sobre isso, Pateman ainda acrescenta: “Os costumes sociais destituíram as mulheres da oportunidade de ganharem seu próprio sustento, de modo que o casamento era a sua única chance para elas terem uma vida decente.” (PATEMAN, 1993, p. 236).

A postura diante do casamento, em ambas as obras, é semelhante. Tanto Jane quanto Elizabeth se recusam casar com homens que não amam pois sabem que eles também seriam incapazes de amá-las. No casamento, o homem é o responsável pela mulher, não só financeiramente, mas também responsável por sua felicidade. Podemos destacar um trecho da obra *Contrato Sexual*, de Carole Pateman, que explicita que a mulher “depende totalmente da benevolência de seu marido e do que ele permite, ou não, que ela faça”. (PATEMAN, 1993, p. 237). Dessa forma, o tema casamento não é abordado em vão nas duas obras, mas sim utilizado como uma forma de crítica. As protagonistas almejavam ter liberdade o suficiente mesmo quando casadas e submetidas aos seus maridos, e por isso só se casariam com o homem que elas escolhessem.

Jane Eyre vai ainda mais longe do que Elizabeth Bennet quando se trata do casamento: não se casa apenas porque ama Rochester, mas se casa somente

quando está em uma posição superior a dele. Com a herança de seu falecido tio, ela passa a ter dinheiro, assim como Rochester. Jane passa a ser superior ao homem até mesmo no físico, pois ele possuía em seu corpo máculas deixadas pelo incêndio em Thornfield Hall, que o havia deixado cego de um olho e parcialmente cego de outro, aleijado de um dos pés e ainda sem uma das mãos. Dessa forma, ela rompe com o estigma do homem como responsável pela proteção da mulher, pois passa a ser, como ela mesma diz no livro, a visão de seu marido e sua mão direita (BRONTË, 2020, p. 522), e Rochester passa a ser dependente dela para muitas coisas.

Mesmo com a crítica presente nas obras, as duas personagens, tanto Jane quanto Elizabeth, se casam no final das histórias. Isso ocorre pois, apesar de tudo, elas ainda eram mulheres e precisavam de um “final feliz”, que só se concretizaria se elas se casassem. Esse fato não anula o teor feminista das obras, apenas reforça que as amarras do patriarcado e do período em que as autoras viviam ainda eram fortes e influenciavam em muito na hora da escrita, uma vez que um romance em que a heroína não se casasse no final não seria bem aceito pelos leitores da época.

5.2 Assertividade e submissão

Muito se discute sobre o teor feminista entre as duas obras, e há pessoas que acreditam que o valor, enquanto obra analisada pela perspectiva da crítica feminista, de *Orgulho e Preconceito* é maior que o de *Jane Eyre*. O motivo para esse tipo de pensamento é, de forma geral, pelo modo diferente como Elizabeth e Jane se portam diante da sociedade e a maneira que cada uma tem de discordar do papel da mulher em seus respectivos períodos históricos. Aparentemente, Elizabeth age de maneira mais assertiva frente a opressão sofrida, enquanto Jane nunca se exalta e, na maioria das vezes tem uma postura quase submissa diante dos acontecimentos revoltantes que a rodeiam.

Esse é um pensamento equivocado, pois, a partir do momento em que analisamos os dois períodos em que as obras foram produzidas. É essencial lembrar que, apesar de *Jane Eyre* ter sido publicado trinta e quatro anos depois de *Orgulho e Preconceito*, a obra de Charlotte Brontë foi escrita durante o período vitoriano. Todas as expectativas para a mulher vitoriana esperadas e pregadas pela rainha Vitória se baseavam na moral cristã e, por isso, a religiosidade está muito presente na personagem Jane Eyre. Por mais que ela demonstrasse estar descontente com o

papel que a sociedade exige que ela devia desempenhar, ela nunca se exaltava e lidava com os percalços de forma contida e recatada.

Sobre a influência da Igreja na opressão das mulheres, Simone de Beauvoir afirma:

A ideologia cristã não contribuiu pouco para a opressão da mulher. [...] São Paulo exige das mulheres discricção e modéstia; baseia, no Antigo e no Novo Testamento, o princípio da subordinação da mulher ao homem. "O homem não foi tirado da mulher e sim a mulher do homem; e o homem não foi criado para a mulher e sim está para o homem." (BEAUVIOR, 2019, p. 118)

Assim, Jane incorpora a mulher cristã mansa, discreta e modesta, que mesmo com pensamentos avançados para sua época, não deixa de lado sua moral religiosa. Em vários trechos da obra, Jane demonstra sua religiosidade, como por exemplo quando cogita a bigamia com Rochester: "Uma única ideia ainda pulsava, semelhante à vida, dentro de mim – a lembrança de Deus." (BRONTË, 2020, p. 347). A religião, em *Jane Eyre*, não é usada como crítica, mas como parte fundamental da formação da personagem e isso é por causa do período em que a obra foi escrita. Já em *Orgulho e Preconceito*, a religião está presente de outra forma. Na obra de Jane Austen, a personagem sr. Collins, com suas pregações longas, maçantes e que não edificavam em nada a vida de seus ouvintes, representava uma crítica à Igreja, ainda que sutil.

Retomando o valor da personagem Jane Eyre, há mais um detalhe que pode passar despercebido quando se trata da obra de Charlotte Brontë: a profissão da protagonista. Uma mulher que trabalhava e buscava por autonomia e independência financeira representava tudo aquilo que a sociedade vitoriana condenava, pois, como aponta Beauvoir, "A Inglaterra vitoriana restringia imperiosamente a mulher ao lar." (BEUAVIOR, pp. 160-161). Quando vai para Thornfield Hall, Jane se torna preceptora, e a figura da preceptora na Inglaterra vitoriana possui um significado profundo.

A preceptora combina características da nobreza, pela educação, com as da classe operária, pela independência. Ao executar por dinheiro tarefas da mulher doméstica, ela obscurece a distinção de que depende a noção de *gender*, questionando assim a distância rígida entre dever doméstico e trabalho remunerado. (MONTEIRO, 1998, p. 64).

Elizabeth Bennet não perde sua força por não trabalhar, pelo contrário, em sua classe social, não sendo considerada nem da nobreza e nem da burguesia, seria malvista se trabalhasse. Tampouco Jane perde a sua própria força e sede por

liberdade por não ser tão assertiva em suas abordagens. Ambas as personagens são mulheres fortes que buscam por emancipação e se opõe ao modelo social vigente no que diz respeito à posição da mulher na sociedade. Em uma sociedade machista e patriarcal que “coisificava” as mulheres, Elizabeth e Jane representavam, com seu desejo de igualdade e ainda que de uma forma diferente uma da outra, uma quebra do padrão de mulher esperado em ambos os seus períodos.

Muito foi dito a respeito do fato de ambas as protagonistas serem à frente de seu tempo, mas o que isso de fato significa? Ao lermos a obra com um olhar anacrônico, caímos no erro de imaginar que a busca por liberdade, o desejo de autonomia e a escolha do futuro marido são direito da mulher, e que as duas personagens somente estavam usufruindo deste direito. No entanto, não só a sociedade dos períodos romântico e vitoriano não apoiavam as mulheres, mas também a lei carecia em contemplá-las. Dessa forma, como afirma Beauvior, “quando a família e o patrimônio privado se apresentam sem contestação como bases da sociedade, a mulher permanece também totalmente alienada.” (2019, p. 104). Isso significa que, por estarem totalmente alienadas, a maioria das mulheres do período não achavam que possuíam tais direitos, o que torna o pensamento das duas protagonistas avançado para a época.

Nos corpos de duas mulheres comuns, Austen e Brontë dão vida às suas heroínas. Como bem aponta Fabianne Costa:

Apesar de Jane Austen e Charlotte Brontë apresentarem versões tradicionais dos papéis sociais femininos naquela sociedade, suas protagonistas fogem dos padrões: Elizabeth Bennet e *Jane Eyre* não são nem anjos nem demônios – como a alegoria trabalhada por Virgínia Woolf. As autoras apresentam suas personagens como mulheres que buscam uma identidade própria e uma independência que fosse possível. (COSTA, 2015, p. 133).

As diferenças das personagens não alteram o fato de que ambas possuíam pensamentos muito avançados para a época, no sentido de seu papel como mulher na sociedade, e não devemos anular o valor de uma obra em detrimento da outra. Cada acontecimento nas vidas das personagens culminou para as tomadas de decisão de cada uma, assim como o ambiente em que elas cresceram e foram criadas, o que significa que tudo isso deve ser levado em conta quando analisamos as duas obras.

5.3. A autoimagem

Como já dito anteriormente, as duas obras, apesar de ambas serem romances, são fundamentalmente diferentes. Enquanto *Jane Eyre* é um romance de formação e acompanhamos o crescimento da personagem Jane de sua infância até a sua vida adulta, em *Orgulho e Preconceito*, somos apresentados a Elizabeth já adulta. Um fator importante quando falamos de identificação com a personagem, é o fato de que, enquanto na obra de Austen o narrador é em terceira pessoa e observamos os fatos pelo que poderia ser considerado o ponto de vista da própria autora, na obra de Brontë, temos uma história em primeira pessoa, na qual a narradora-personagem faz do leitor seu confidente. Desse modo, conseguimos entender todas as decisões de Jane, uma vez que acompanhamos seu percurso e a construção de sua personagem desde que era uma criança, o que torna mais fácil compreender seus motivos.

Jane aprende e cresce como pessoa no decorrer da história, e o leitor acompanha todos os seus dilemas e dúvidas, como, por exemplo, sua batalha interior entre o desejo de estar com Rochester e a sua moral cristã, que condena a bigamia. Ela não possui seu caráter inteiramente formado, o que significa que aprende e evolui ao passar pelos percalços em seu caminho. A Jane do início do livro é completamente diferente da Jane do final do livro, assim como a Jane no início de sua vida adulta é diferente da Jane das últimas páginas do romance. O leitor, seu confidente, acompanha todo esse crescimento.

Já com Elizabeth, não ocorre todo esse processo de formação de caráter, embora a personagem tenha aprendido uma lição ou outra sobre orgulho e preconceito durante a história. Elizabeth é uma mulher adulta que, se reconhecendo inteligente e sagaz, acredita tanto no próprio julgamento, que se sente capaz até mesmo de zombar do julgamento e das atitudes de outras personagens. Ela é, de certa forma, previsível: uma mulher vivaz, rebelde, que é muito inteligente e possui senso de humor. Sua mudança de atitude ocorre apenas depois de reconhecer que havia julgado erroneamente a personagem sr. Darcy. Dessa forma, deixa de tratá-lo com ironia e se torna mais dócil em sua presença. Assim como acontece com a personagem sr. Wickham, Elizabeth percebe que seu julgamento nem sempre é o correto.

É importante entendermos esses detalhes, pois isso influencia muito na imagem que cada uma das personagens tem de si. Enquanto Jane, órfã e destituída

de qualquer dinheiro, acha-se “pobre, obscura, simplória e pequena” (BRONTË, p. 297), Elizabeth confia muito em si e na opinião que tem das outras pessoas, e é isso que faz com que seja orgulhosa e preconceituosa durante a primeira metade do romance. Temos, então, os polos: Jane, que se dá tão pouco crédito que, quando Rochester a pede em casamento, acredita que ele está zombando dela, e Elizabeth, que se tem em tão alta conta que debocha das outras pessoas sempre que tem a oportunidade.

Essas posturas, no entanto, mudam no decorrer das obras. Jane aprende a se valorizar e, com todos os seus autossacrifícios que, muitas vezes, parecem aos nossos olhos uma submissão conformista, torna-se uma mulher mais forte e resiliente. Recusa-se a casar com Rochester e cometer a bigamia, não porque a sociedade não a veria com bons olhos, mas porque ela não suportaria conviver consigo mesma. Elizabeth também revê suas atitudes ao perceber que, durante todo aquele tempo, não apenas Darcy havia sido orgulhoso e preconceituoso, mas também ela. A percepção de que nem sempre estava certa a respeito de tudo e de todos fez com que ela adotasse outra postura frente a seu par romântico.

Quando pensamos nas atitudes das duas personagens, precisamos levar muitas coisas em consideração. Uma delas é o fato de que, enquanto Elizabeth lidava com intrigas pequenas da aristocracia rural da Inglaterra, que giravam em torno do casamento, mas que não possuíam grande impacto em sua vida e em seu conforto, Jane sempre teve tudo a perder. Elizabeth poderia recusar os pedidos de casamento e voltar para a casa de seus pais, mas não Jane, que era órfã. Quando descobre o segredo de Rochester e entende que não poderá se casar com ele sem ir contra seus princípios pessoais, Jane não tem uma casa para voltar. O tempo todo, durante toda sua jornada de descoberta pessoal, ela não tinha uma família que a apoiasse e sua busca não era apenas pela liberdade, mas também por um lugar ao qual pertencesse. Isso explica muito de sua postura mais hesitante frente a tudo, diferentemente da postura de Elizabeth, que sempre foi mais confiante em suas atitudes devido à família para qual ela sempre poderia voltar.

6 CONCLUSÃO

As obras *Orgulho e Preconceito* e *Jane Eyre*, analisadas por uma crítica feminista, são obras à frente de seu tempo. Apesar de se utilizarem de abordagens diferentes, Elizabeth e Jane representam personagens fortes cujo pensamento excedia em muito as expectativas esperadas para as mulheres de suas épocas. Ambas as protagonistas não se deixavam silenciar pela sociedade opressora que as rodeava, o que, no contexto em que as obras foram escritas, representa uma quebra com o padrão da mulher da época.

A maneira como as heroínas reconhecem seu papel na sociedade e o contestam evidencia que o pensamento de ambas era avançado em comparação às outras mulheres de seus períodos, que viviam alienadas e, frequentemente, não questionavam a opressão que sofriam. A postura diante do casamento, por exemplo, demonstra que tanto Elizabeth quanto Jane valorizavam sua felicidade mais do que o contrato social que o casamento representava e, ao negarem os pedidos feitos por personagens masculinas, estavam tomando uma postura de combate contra como a sociedade pregava que a mulher deveria se portar, uma vez que o casamento era a única maneira de uma mulher ser reconhecida e inserida no meio social.

Ainda que cada uma de uma forma, Elizabeth, de modo mais assertivo e sarcástico, e Jane, de forma mais contida, as duas protagonistas se pronunciavam sempre que uma injustiça acontecia. O fato de que a abordagem delas era diferente não anula o valor de nenhuma das obras e não é correto elevar uma em detrimento da outra, pois cada uma delas tem suas peculiaridades e nuances, e cada protagonista agia de maneira coerente e verossímil à sua construção, assim como à sua classe social, à sua criação e à sua experiência pessoal.

O período no qual as obras foram escritas e até mesmo como as outras personagens das obras contribuíram para que cada uma das protagonistas pudesse existir e ser enaltecida de modo que suas ações se destacassem das outras personagens. Assim, é necessário reconhecer a presença dessas personagens, tanto das femininas, por ajudarem as heroínas a parecerem maiores, quanto das masculinas, por permitirem que elas agissem de forma a desafiar as normas sociais machistas e opressoras.

Isso, somado ao fato de que se tratavam de personagens femininas que foram escritas por outras mulheres, torna as obras ainda mais significativas. Austen e

Brontë, ao produzirem suas obras em períodos nos quais o mero ato de escrever seria considerado rebelde para uma mulher, trazem para elas a representatividade da qual as mulheres sempre precisaram e ainda precisam. Com a focalização total nas heroínas, as autoras conseguem discutir sobre relações de poder, o papel da mulher em uma sociedade machista e patriarcal e ainda quebrar vários estereótipos de tipos de mulheres criados pelos escritores homens.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Celina Portocarrero. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- BEAUVIOR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BONNICI, T; ZOLIN, L. O. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003.
- BORGES, Francieli. **Literatura comparada**. Porto Alegre: SAGAH, 2017.
- BRONTË, Charotte. **Jane Eyre: uma autobiografia: edição comentada e ilustrada**. Tradução de Adriana Lisboa; apresentação Antonia Pellegrino; notas de Bruno Gambarotto. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- CARVALHAL, Tânia Franco, 1943 - **Literatura comparada**. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.
- COSTA, Fabianne Rodrigues. **A representação feminina em Orgulho e Preconceito, de Jane Austen e em Jane Eyre, de Charlote Brontë**. 2015. 194 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Manaus, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4985>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- MOISÉS, Massau. **A Criação Literária**. 7. ed. São Paulo: Editora CultrixLTDA, 1967.
- PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Tradução de Marta Avancini. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- REHM, Andréia de Cássia Jardim. **Jane Eyre de Charlotte Brontë e Pride and Prejudice de Jane Austen: como os filmes e as minisséries recriaram as heroínas na cultura ocidental**. 2015. 231 f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131710>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura Inglesa para Brasileiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.
- STALLONI, Yves. **Os gêneros literários**. São Paulo: Editora Difel Brasil, 2001.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Adriana Buzzetti. 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2020.